

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

UM EPISODIO DA SEGUNDA GUERRA DO TRANSVAAL

EM

O MONTE MAJUBA

A batalha de Ulundi, ganha pelas forças britannicas commandadas por Lord Chelmsford, a 4 de julho de 1879, derubaram por completo a belica influencia da raça zulo na Africa do Sul. As armas inglesas precisavam conservar e ampliar o prestigio que essa victoria lhes outorgara. Os habitantes do Transvaal, anexado à Gran-Bretanha em 1877, queriam a todo o custo rehavem a sua perda autonomia e trabalhavam nesse sentido, por ora legal e pacificamente.

Á absorpção, pelo governo de Saint James, da patriotica Republica Sul Africana, servira de pretexto as dificuldades que a embaraçavam no interior e os inimigos que a rodeavam no exterior, impotente como se encontrava de sanar umas e de vencer os outros. Nesse primeiro momento os boers, mesmo os mais entusiastas pela autonomia, quasi concordaram que era o unico caminho de escapar à anarquia e ruina. Passado esse momento critico, começando o país a gozar de uma certa prosperidade, breve surgiram os primeiros sintomas de descontentamento. Os transvaalios esperavam uma constituição livre, semelhante à do Cabo, mas o governo de Londres não lhes concedeu a anciada assembléa representativa, a despeito das repetidas instancias dirigidas nesse sentido ao poder central pelo administrador do Transvaal *Sir Theophilo Sheptone*. Esses homens, descendentes de colonos, que entre

mil vicissitudes tinham arriscado a sua vida pela liberdade, não podiam aceitar de braços cruzados, o principio de os alhearem de qualquer participação na gerencia de uma patria, conquistada por seus pais, á força de combates¹.

— Dois chefes burghers², Paulo Kruger e Dr. Jorissen, partem para Inglaterra para protestar contra a anexação. O ministro, Lord Carnarvon, não lhes dá nenhuma esperança de que a terra seja restituída aos seus filhos. A má vontade dos boers contra a administração britânica aumenta quotidiamente. Em fins de 1878 dirigem outro apelo à Inglaterra. Incumbem-se de partir como delegados Kruger e Joubert levando como secretario Eduardo Bok. Não são mais bem sucedidos que os anteriores. Durante a guerra contra o regulo zulo, Catchavaio, nenhum auxílio os transvalianos prestaram aos ingleses, com excepção dos boers de Utrecht, às ordens do intrépido Piet Uys. *Sir* Theophilo Shepstone, pessoalmente simpatico aos naturaes do Transvaal, cede o seu cargo de governador da antiga Republica a *Sir* Owen Lanyon, nomeado para o substituir em março de 1879. Era um governador impopular num governo ainda mais impopular.

Assegura a obra consultada nesta parte, que, *Sir* Owen Lanyon não sentia grande affecto nem pela historia nem pelo povo que fôra chamado a governar. Não possuia maneiras conciliadoras e a sua attitude ainda mais agravou a repulsa contra o dominio inglês. Não resta duvida que se tivesse sido concedida a liberdade politica, como recomendara *Sir* Theophilo Shepstone, e se o leme da nau daquele Estado tivesse sido empunhado por um estadista de valor, que navegasse com cautela por meio de tantos syrtes, a agitação veria o seu termo quando a segunda deputação visitou Londres.

Em abril desse ano, *Sir* Bartte Frère, realiza uma entrevista com alguns chefes boers, em Erasmus Spruit, proximo de Pretoria. Espera-se muito dessa conferencia. Nenhum resultado dá, a não ser a recusa do povo em pagar impostos. O general *Sir* Garnet Wolseley, alto commissario de Sua Magestade Britânica na Africa do Sul, depois de efectuar uma larga conferencia com os principais regulos zulos, parte para

¹ *Natal, The Land, Its Story*, Robert Russell.

² Cidadão, burguez.

o Transvaal. Apenas ali chega, em vez de deitar alguma agua na fervura, pública, pelo contrario, uma proclamação em que declara que a antiga Republica, pertencerá integramente aos dominios da Rainha «*para sempre*». Não contente com isto assegura, mais de uma ocasião, numa frase, hoje historica, que o Transvaal ficaria sendo territorio inglês «durante tanto tempo quanto o sol brilhasse no céu».

As consequências desta afirmativa evidenciaram-se logo. A opposição à autoridade britanica aumentou em todas as terras. Os boers efectuaram comícios extremamente concorridos. Em todos acentuaram o seu desejo de se tornar independentes da administração estrangeira. Pretorius e Bok foram presos por alta traição, mas pouco durou o captiveiro. A assembléa legislativa, reunida por este tempo, ainda mais irritou o surdo rancor dos boers. A assembléa compunha-se de um certo numero de funcionarios e de seis membros nomeados pelo governador. Esse arremedo de Parlamento não passava de uma ficção do seu nacional Volksraad.

A agitação coincide com a mndança de governador na colonia de Natal. A *Sir* Henry Bulwer, sucede, em julho de 1880, *Sir* George Pomeroy Colley, que, como coronel acompanhara *Sir* Garnet Wolseley a Natal depois de sufocada a rebelião de Langalibalele. Numerosas tropas tinham evacuado o Transvaal e não tardou que os acontecimentos principiassem a tomar um aspecto serio. No entanto, os boers antes de recorrerem aos meios extremos, dirigiram novo apêlo ao governo da rainha Victoria. Mr. Gladstone, o *old great man*, que se pronunciara a favor do restabelecimento da sua independencia, respondeu então com uma peremptoria negativa á petição.

Numerosos transvaaliosos reúnem-se de 8 a 13 de dezembro na povoação, que nessa quadra se chamava Paardekraal, e que passou a denominar-se depois Krugersdorp, centro de minas de ouro, na estrada de Pretoria a Potchefstroom. Deliberam aí, após tormentosas e violentas discussões, pegar em armas. Ali se elege um triumvirato constituido por Kruger, Joubert e Pretorius. Os três mandam distribuir imediata e profusamente uma extensa proclamação, para «conhecimento de todos», comunicando, que se reimplantara a Republica. Declaram o estado de sitio no país inteiro. Em virtude dessa lei

marcial organisam-se três *comandos* ou colunas. Uma recebe incumbencia de impedir que o 94 de infantaria, em marcha de Lydenburg para Pretoria, chegue a esta cidade, e de tomar o passo a duas companhias do mesmo regimento, comandadas pelo capitão Froome, entre Wakkerstroom e Standerton. Outro cavalga em direcção de Potchefstroom a fim de imprimir a proclamação, por isso que se tornava necessario ou obrigar ou proteger a respectiva imprensa. O terceiro, o de maior efectivo, encaminha-se para Heidelberg e apodera-se da cidade sem dificuldade. É aí, no historico dia 16 de dezembro, aniversario da mortífera derrota inflingida pelos boers ao poderoso regulo zulo Dingana, e por isso denominado, em inglez, *Dingaan's Day*, que a bandeira da Republica se desfalda mais uma vez.

O capitão Froome do 94 de infantaria, informado a tempo e auxiliado, na verdade, por uma boa estrela, executa uma destas marchas, que são a gloria de quem as efectua e um triunfo para a corporação a que homens dessa tèmpera pertencem. Entra em Pretoria sem encontrar um unico boer armado.

O grosso do regimento é menos feliz. Não nos demoraremos na descripção do incidente, bastante conhecido, pelo menos pelos lidos nas campanhas coloniais.

Antes de saír de Middelburg alguém previne o tenente coronel Anstruther, comandante do 94, de que os boers resolveram atacá-lo no trajecto. Brioso, não tendo recebido determinação em contrario, continua o seu itinerario em direcção da capital. O regimento consta de 240 praças. Transportam as bagagens 33 carretas. A 20 de dezembro a coluna marcha à vontade, a banda toca. Inesperadamente, surgem boers a cavalo em todos os pontos do horisonte e, em maior numero, num sitio conhecido por Bronkhorst Spruit.

Não oferece nada de pitoresco. Á direita cava-se um barranco arborizado e mais perto, dos dois lados da estrada, erguem-se algumas herdades (*farms*) rodeadas de arvores de pequena sombra. Devido à completa falta de precauções militares, pois nem sequer uma guarda avançada precedia a coluna, os trasvaalianos, conhecedores dos menores recantos do *High veldt* (Terras altas) puderam, encobertos com as casas e com o arvoredado, chegar a uma distancia tão curta do regi-

mento, que lhe neutralizou qualquer vantagem de força regular e o impediu de manobrar e tomar a formatura adequada à emergência. O comandante manda fazer alto, a banda cessa de tocar e ainda tenta aproximar-se das carretas, para se fortificar por traz delas, depois de as dispor em círculo, à maneira dos característicos *laager*, tanta vez tabuas de salvação dos *trekkers*¹ holandezes nas suas primitivas, deseguaes e sangrentas lutas com os indigenas.

Estabelecido esta espécie de círculo, envolvidos os soldados britanicos, logo de entre os boers se destaca um cavaleiro, de bandeira branca hasteada no cano da espingarda, portador de uma carta para o tenente coronel Anstruther. Propunha na mensagem que a coluna inglesa estacionasse no sítio onde se encoutrava até serem conhecidas as intenções de *Sir Owen Lanyon*. Se avançasse, esse movimento equivaleria a um rompimento de hostilidades. Marcava-lhe o praso de dois minutos para deliberar. O comandante da força respondeu que as suas instruções lhe ordenaram a marcha para Pretoria e que para Pretoria iria. Solicitou do parlamentar que informasse o seu chefe dessas instruções e que lhe trouxesse qualquer resposta.

Ao expirar o praso indicado, sem mais espera nem ulterior prevenção, os boers adiantam-se a galope e abrem nutrido e certo fogo contra a tropa. Não dura muito. Dentro de dez minutos baqueiam cento e cincoenta homens, mortos ou feridos. A rendição impõe-se. As balas contrarias matam todos os officiaes excepto dois. O tenente coronel Anstruther tomba do cavallo com um perigoso ferimento no ventre e apenas vive mais dois dias. A esposa do sargento ajudante Fox é tambem atingida, com gravidade, pelos projecteis. Os contendores exprimem o seu pesar por este lamentavel incidente. A viuva do mestre da banda, Mrs. Smith, porta-se heroicamente. Domina a dôr de ver morrer o marido a seu lado e dedica-se a socorrer os que necessitam do seu auxilio. A sua admiravel conduta vale-lhe calorosos elogios do comandante

¹ Emigrantes, colonos.

em chefe, e, no seu regresso à Gran-Bretanha, da rainha Victoria.

Os vencedores desvelam-se no carinho e atenções dispensadas aos feridos e prisioneiros. Os que não se sentem com forças ou não podem ser removidos para o acampamento boer, os moradores das herdades proximas transportam-nos para suas casas e fornecem-lhes quanto necessitam. O condutor Egerton abala para Pretoria numa carreira desenfreada, com o intuito de solicitar assistencia médica, e galga quarenta milhas em quatorze horas. Por baixo da farda leva a bandeira do regimento que conseguira esconder na caixa de uma carreta durante o ataque. As tristes noticias de que é portador dissipam todas as dúvidas ácerca do significado da occorrença. Rebentara a guerra. Os partidarios do dominio britânico formam immediatamente um *laager*, guarnecido pelos soldados e habitantes dessa facção, em Potchefstroom, Wakkerstroom, Lydenburg, Rustenburg, Marabastad e Standerton. Os transvaalios entram na posse completa de Heidelberg, Middelburg e Utrecht.

Os sobreviventes do 94 depois de transportados para Heidelberg atravessam o Vaal e partem para o Free State (Estado Livre de Orange) sem nenhuma escolta. A bondade dos holandeses e ingleses dos povoados que atravessam fornecem-lhes alimento e vestuario. O transito do Free State realizam-no em carretas que os levam até Pietermaritzburg, capital da colonia de Natal. Os pobres homens, cerca de quarenta, cruzam por Church Street em direcção do acampamento a 10 de janeiro. Os boers tinham-lhes tomado como unico despojo os capacetes. A diversidade dos seus trajes assemelhava-os mais, escreve Robert Russell, aos recrutas de *Sir John Falstaff*, de shakspeariana memoria, que a soldados regulares de um regimento de infantaria inglesa.

Aos boers, agora em armas para readquirir a sua independencia, anima-os o mesmo espirito varonil que incitara seus pais, quarenta anos antes, a lutar contra as tropas britannicas, contra Mozilikatse e Dingana¹. A moderna geração não mudara o seu modo de vida e a sua forma de combater. Ao mesmo

¹ Ferozes e poderosos regulas zulos.

tempo a juventude não progredira no ponto de vista literário e menos ainda no scientifico. Os poucos recursos desse genero no país ministravam-lhes apenas uma educação rudimentar. A maioria vivia em pontos isolados, distantes uns dos outros. O que ocorria no resto do mundo pouco ou nada lhes interessava. Poucos ou nenhuns conhecimentos possuíam e não ambicionavam saber mais. Limitavam-se a perpetuar as tradições, a enraizar as crenças e costumes dos seus antepassados. A Biblia continuava a ser, como há dois séculos, a unica literatura cultivada por eles. As suas vistas sobre a lei, justiça e governo bebiam-nas nas páginas da Sagrada Escritura.

Consideravam a anexação do seu país com um acto iniquo e uma violação inqualificavel das leis do Omnipotente. Ao pegar em armas a sua intensa fé convencia-os de que o Deus das batalhas, estaria com eles e só com eles, pois pela sua santa causa combatiam. Além desta entranhada convicção, que só por si lhes duplicava o valor, a sua educação fisica, os exercicios quotidianos, o contínuo arriscar da vida nas caçadas às feras e nas lutas com os selvagens outorgava-lhes enormes vantagens sobre os soldados europeus. Apenas saídos da infancia, logo se habituavam a montar a cavalo, a atirar a alvos vivos, sem desperdiçar cartuchos. Não existia uma milha quadrada de terreno que não a tivessem percorrido em todos os sentidos. Quer na caça quer na guerra a certeza da sua pontaria admirava os profissionais de circo. Desde pequenos, por instinto e por habito, aproveitavam o mais insignificante relêvo do solo para se abrigarem.

Disponham ainda da qualidade inapreciavel de, depois de receber as instruções gerais sobre o objectivo a alcançar, cada homem ficar senhor dos seus movimentos e de proceder como melhor se lhe afigurasse para o bom exito da causa comum. Esta completa latitude de iniciativa constituiu não poucas vezes, na historia militar do Transvaal, a chave de alguns dos seus triunfos. Sem nenhuma espécie de *impedimenta* atraz de si, sem bagagens que encanecem, pela soma extraordinaria das dificuldades, a cabeça dos chefes em qualquer país, e principalmente em Africa, por isso que só levam as carretas quando tal lhes convem, a rapidez das suas marchas podem considerar-se, algumas, de acção fulminante, como a de Bronkhorst Spruit e outras posteriores. Com a sua montada, a carabina,

munições, um cobertor, algum pão torrado, um pedaço de *biltong* ou carne sêca, o boer está pronto para percorrer toda a qualidade de caminhos, combater não importa com que os adversarios, abivacar nos climas mais opostos.

A noticia da rebeldia do Transvaal causou extraordinaria excitação na colonia de Natal. O tenente governador e comandante em chefe, general *Sir* George Colley, presume do seu dever, e não se engana, tratar de acudir sem demora aos lealistas civis e aos militares assediados em diferentes cidades do Transvaal.

Sir George Pomeroy Colley, então com quarenta e cinco anos de idade, era como *Sir* Garnet Wolseley, irlandês. Depois de frequentar a escola de Sandhurst alistou-se como aspirante no 2.º Queen's Regiment em 1852. Serviu na Africa do Sul de 1854 a 1860 como residente (*magistrate*) e como topógrafo no distrito do rio Bashi, na Cafraria. Nos principios de 1860 partiu com o seu regimento para a China a encorporar-se na expedição anglo-francesa. Tomou parte nos ataques aos fortes de Taku e entrou em Pekim. Voltou depois para a Africa do Sul a completar os seus trabalhos topograficos na Cafraria, que lhe valeram a promoção a major.

Em 1862 matricula-se no curso do Estado-Maior (Staff College) donde sai ao cabo de um ano com louvores. Desempenha o cargo de major de brigada em Devonport durante cinco anos. Transferem-no de lá em 1870 para o ministério da guerra afim de colaborar com Lord Cardwell nas medidas a tomar para a reforma do exército. No ano imediato, em 1871, nomeiam-no professor de administração militar do Staff College. Nos começos de 1873, requizitado pelo seu patricio *Sir* Garnet Wolseley, reúne-se-lhe na costa de Ouro, onde o incumbem do serviço dos transportes. O bom resultado da expedição contra os achantís deveu-se, em não pequena proporção, aos seus esforços e trabalhos. Promovem-no a tenente coronel e recompensam-no com a medalha do Banho. Em 1875 acompanha Wolseley a Natal. Recebe novas mercês. No seu regresso a Inglaterra passa a desempenhar as funções de secretario militar de Lord Lytton, governador geral da India, e em 1887 de secretario particular. O ano de 1879 encontra-o de novo ao lado de Wolseley como chefe do estado maior, com o posto de brigadeiro, no sudeste de Africa, mas o assa-

ssinio de Cavagnari em Cabul obriga-o a voltar à Índia. Em 1880 sucede interinamente a *Sir* Garnet Wolseley como alto comissario da rainha na Africa do Sul¹.

Sir George Colley a custo consegue reunir mil soldados europeus. Compõe a exígua fôrça praças dos regimentos de infantaria 21 e 58, 60 Rifles (caçadores), a Brigada Naval e artilharia. Antes de iniciar as operações faz na ordem do dia um apêlo aos soldados exortando-os a que vinguem a honra do exército britânico e fala dos holandeses como de um «povo bravo, animoso, embora mal dirigido e mergulhado no êrro». Os acontecimentos posteriores demonstram com mortífera evidência que os não conhecia como combatentes.

Os boers preparam-se para se opôr à coluna de socorro em marcha para a Republica transvaliana. Entram em territorio da colonia do Natal. O seu objectivo é a posse de Laing's Nek, a parte mais baixa de uma cordilheira, que corre desde o monte Majuba até às margens do rio Buffalo, e pela qual passa a estrada rial. Sobee em declive suave na distancia de umas quinhentas jardas, desde o solo inferior até a cumiada, muito acidentada, onde a carreteira coleia entre taludes de quatro ou cinco pés de profundidade. Na falda da vertente, proximo da estrada, erguia-se uma herdade com uma horta, com currais vedados por muros de pedra, pertencente a um tal Neck, que transmitiu o nome à localidade. Quem êstes apontamentos colige visitou êstes logares acompanhado por um sargento inglês, que lhe serviu de guia, e que dizia ter assistido ao mortífero prélio, salvando-se de êle por milagre. A atmosphera conserva-se quasi sempre tão limpida ali que a natureza, os objectos, os animais e as pessoas se desenhavam com a maxima nitidez no ceu transparentemente azulado, nesses horizontes de uma diafaneidade de cristal. A perspectiva recorta tão vincadamente os perfis que nos parece impossivel perder um tiro em alvos desenhados com tal claresa de forma.

Os boers tomam posição por trás da cumiada dos dois lados da carreteira. Pedregulhos enormes e trincheiras ergui-

¹ *Life of Sir George Pomeroy Colley*, by Lieut. Gen. *Sir* W. F. Butler, Londres, 1899.

das pela disposição natural do terreno oferecem numerosos esconderijos e abrigos da maior eficacia. A artilharia é o que os boers mais temiam e Laing's Nek proporciona-lhes uma defesa ideal para se acobertarem dos seus efeitos. A 27 de janeiro de 1881 os transvalianos, com o comandante Piet Joubert à sua frente, tomam posições à espera da coluna britânica.

Sir George Colley, mais impaciente do que a prudência e a serenidade permitem a um chefe, estabelece o seu acampamento no monte Prospect, a quatro milhas de Neck, na mesma noite em que os boers ocupam a famosa passagem. A's seis da manhã de 28, avança com o intuito de investir a posição do inimigo com o 58 de infantaria comandado pelo coronel Deane, um esquadrão de setenta cavalos, o 60 de Rifles, a Brigada Naval com três tubos para lançar foguetes e seis peças de artilharia. Alguns adversários, postados perto dos currais do gado de Laing's, veem-se obrigados a sair dali expulsos pelos foguetões. As bôcas de fogo começam a bombardear o Nek cêrca das dez horas e continuam durante vinte minutos sem que cá debaixo se descubra um único homem abrigado na cumieira. Esperançado e enganado por êste ardiloso êrmo, Colley ordena a acometida ao esporão da serra à direita da estrada. A infantaria montada e o 58 trepam pelo escorregadio alcantil e escalam o monte em diversos pontos.

Os cavaleiros são os primeiros a sofrer baixas. Logo que penetram na zona perigosa, ao alcance das certeiras pontarias dos boers, indennemente ocultos por trás das fragas e rochas, caem sôbre êles repetidas descargas cerradas que derrubam metade dos assaltantes. Há um momento de anciosa perplexidade. Aos brados dos oficiais, os sobreviventes voltam denodamente à carga, mas são obrigados a retirar. Não se mostra mais propícia a sorte ao 58. O coronel Deane em vez de recorrer à ordem dispersa, concentra os seus subordinados em coluna, e assim, oferecendo um amplo alvo a quem não tem vontade de que lhe censurem igual êrro e de não perder nenhum cartucho, ascende pesada e lentamente pela encosta escarpada, de difficil acesso. Deane e bastantes dos seus oficiais morrem nesta gloriosa, mas ineficaz ascensão. A fuzilaria que vareja o 58 de tal modo derruba o seu efetivo que a retirada a custo se efectua com regularidade. Durante esse mo-

vimento de retrocesso, o tenente Baillie, porta bandeira, baqueia mortalmente ferido. Mediante um armistício, que muito magôa o orgulho britânico, enterram-se os mortos e socorrem-se os feridos. Avulta a lista de uns e outros. Ao primeiro número pertencem setenta e três homens e cem ao segundo. As perdas dos boers são insignificantes. Chegadas as fôrças ao acampamento formam e *Sir* George dirige-lhes uma pequena alocução em que louva a bravissima carga efectuada pelo 58 e com rude franquesa confessa que do desastre só êle é responsável. As circunstâncias constroem-no a aguardar, com as diminutas tropas às suas ordens, a chegada de reforços no monte Prospecto.

A 7 de fevereiro, a mala posta e a sua escolta quando roda e galopa a caminho de Newcastle, na colonia de Natal, são saudadas por nutrido tiroteio de uma partida de boers na dupla passagem do Ingogo. Não podem seguir avante. Voltam para o monte Prospect. Os transvalianos facilmente podiam apossar-se da estrada rial de Newcastle sem se acercar do acampamento. Bastava que contornassem o sopé do Amajuba e Inkcuelo e, que, por essa via, entrassem no vale do Ingogo. Assim manobram. *Sir* George Colley sai do acampamento a 8 com duzentos e setenta homens e quatro peças afim de patrulhar a estrada e escoltar algumas carretas que espera de Newcastle. Pouco depois da fôrça inglesa ter cruzado o mesmo local da agressão do dia anterior, no Ingogo, os exploradores comunicam que se dísavam boers em grande número a cêrca de meia milha de distância. O general inglês posta-se numas emi-nencias perto do rio, conhecidas pelas colinas do Ingogo. O terreno desenha uma especie de triângulo tendo o curso de água por base. Os transvalianos, mais diligentes ou conhecendo melhor a topografia dêsse vastissimo taboleiro de xadrês, onde os homens são pontos minusculos, ocupam a ladeira, o platô, todos os sitios altos. Como de costume encobrem-se quasi totalmente com o capim crescidissimo, escudam-se com os penhascos e disparam certamente, como sempre, as carabinas Martini Henry, as mesmas que manejam os ingleses, mas perigosissimas nas mãos dos primeiros e pouco eficazes nas dos segundos.

O combate prolonga-se desde a tarde até muito depois do anoitecer. Escasseia a água e os feridos sofrem verdadei-

ras torturas expostos, como estão, à ardência do sol. A certa hora, logo que escurece, começa a chover torrencialmente. Sucumbem bastantes praças aos resfriamentos e constipações, aos efeitos de um frio intenso sucedaneo de um calor excessivo. São mortos o capitão Mc Gregor, secretário militar do general, e Mr. Stuart, magistrado residente do Ixopo, interprete do estado maior. A retirada impõe-se e quanto antes. Os sobreviventes evacuam o Monte Prospect aproveitando a escuridão. A cargo do capelão militar, Mr. Ritchie, ficam os feridos, deitados no campo, quasi sem recursos.

Em geral um revez atrai outro. O rio Ingogo, atravessado de manhan pelos ingleses com água pelos joelhos, engrossa de forma extraordinaria, transforma-se em corrente furiosa. Afogam-se alguns homens quando tentam passar para a outra margem. O tiroteio e a cheia causam cento e cincoenta baixas. No dia seguinte o comandante manda enterrar os mortos e envia os feridos para Newcastle. O recontro das eminencias do Ingogo determina entre os boers dezasete baixas: oito mortos e sete feridos.

Sir Evelyn Wood, ainda hoje vivo e marechal do exercito inglês, opera a sua junção com *Sir George Colley* em Newcastle. Leva-lhe de reforço o 15 de hussares e o 92 de highlanders (escoceses), e a noticia que, de Durban, estão sendo expeditas mais unidades. *Sir George Colley* impellido por uma altivez meritória no ponto de vista de brio pessoal, mas pouco desculpavel num chefe, que nunca deve jogar a vida dos seus subordinados numa cartada em que o azar constitue o principal trunfo, factor quasi sempre falivel, desejando salvar a sua reputação e prestigio, praticando uma acção de brilho, senão ganhando uma vitoria retumbante, numa palavra — querendo imitar Lord Chelmsford, que após o desastre de Isandluana, e sabendo-se substituido por *Sir Garnet Wolseley*, se apressou a dar a batalha de Ulundi, onde os zulos foram totalmente derrotados, — manda a 12 de fevereiro *Sir Evelyn Wood* a Maritzburg, a pretexto de apressar a marcha das tropas para o quartel general, com quem combina fazer um movimento envolvente, marchando pela estrada de Wakkerstroom, e atacar pela retaguarda Laing's Nek.

Durante a ausencia de *Sir Evelyn Wood*, *Sir George Colley* põe em pratica a sua idéa. Espera com ela, como disse-

mos, reparar os seus anteriores desastres. O plano era bom; assim fôsse proficuamente secundado.

Na tarde de sabado, 26 de fevereiro, o general sai de Monte Prospect com cêrca de seiscentos homens, tirados do 58 de infantaria, do 60 Rifles, 92 de highlanders e Brigada Naval. A coluna destina-se a ocupar o topo do monte Majuba, posição que domina o acampamento boer de Laing's Nek. A fôrça marcha sem luzes e no meio do maior silencio. Depois de escalar metade do caminho até o monte Incuelo entra numa ampla serra de que o monte Amajuba faz parte. Na ponta desta terra, em Incuelo, são postados cento e quarenta homens do 60 (Rifles). Uma companhia do 92 coloca-se na outra extremidade, ou Majuba, com ordem de se entrincheirar. Guias indígenas conduzem as fôrças restantes. Levam-nas por caminhos que cabritos montezez hesitariam em seguir. Um passo em falso e o desventurado despenha-se num precipicio medonho. Cêrca das três da madrugada de domingo o grosso da coluna, uns quatrocentos homens, estabelece-se no cume.

Ao romper do dia os holandeses acampados no Nek descobrem os ingleses no topo da montanha. A emergência é grave. Na expectativa de serem alvejados pela artilharia do alto do Majuba e atacados simultaneamente pelos inimigos do Monte Prospecto preparam-se apressadamente para evacuar a sua posição. Mas não rebentam as granadas, nem lobrigam nenhum movimento no acampamento britânico. Nada justifica esta inexplicavel inacção. O primeiro receio dissipa-se, e Joubert faz um apêlo a quem voluntariamente se disponha a assaltar a montanha. Oferecem-se todos. O comandante escolhe os mais novos. E' um exercicio de acrobatas o que realizam os moços transvaalianos agarrando-se às urzes, firmando-se em pedras prestes a resvalarem, trepando à custa de sacrificios enormes, galgando de socalco em socalco e logo abrigando-se para, por trás dos escudos naturais que os accidentes do terreno lhes oferecem, vizarem os soldados ingleses alcandorados e a descoberto lá em em cima.

O tiroteio foi nutridissimo de parte a parte. Mas os ingleses não curavam de si como a prudencia e a luta especial, com combatentes daquela espécie, aconselhava. Os transvaalios deitavam-nos abaixo como se fossem gamos que vagueassem pelas cumeadas. O crepitar da fuzilaria ecoava por todas aquellas, até ahí silenciosas, quebradas, como se todas as estevas estalasses ao mesmo tempo e todas as vagens da esmeraldina vegetação abrissem para que o vento fôsse levar as suas frutificantes sementes a zonas distantes. Os projecteis pareciam que só tinham poder de penetração para varar os intrepidos soldados britânicos.

Pouco a pouco subindo e rastejando, sem deixar de fazer fôgo, pois os boers raras vezes manejam armas brancas, aproximam-se do cume. Quando se encontram a pequena distancia e quasi sem ser vistos desfecham uma descarga geral. O panico empolga os soldados. Não se explica como fôrças regulares, consentem, postadas numa posição semelhante, que um inimigo de efectivo sensivelmente igual, se acerque sem lhe ter quebrado o impulso e sem ter conseguido repeli-lo. A desordem penetra nas fileiras inglesas e uma parte dos que as constituem, na esperança de salvar as vidas, atiram-se pela aprumada ladeira abaixo.

Sir George Colley adormece ahí para sempre junto dos seus camaradas. A maneira como combateu e se expôs induz a acreditar num suicidio, suicidio de militar valentissimo, que procura a morte matando. Em 1885 ainda existia a sua sepultura num cemitério do Monte Prospect, cercado pelos seus intrépidos camaradas. Poucos teriam vivido para poderem contar os pormenores do terrivel morticinio se os highlanders não se entrincheirassem fortemente na crista anexa. As perdas britânicas subiram a noventa e dois mortos e cento e trinta e quatro feridos. Os boers tiveram *um* morto e *um* ferido.

No relatorio enviado pelo comandante Joubert ao vice-presidente Kruger dizia que: «as tropas comandadas pelo general Colley tinham combatido como herois, mas que Deus lhes dera a vitoria e os protegera». Kruger respondeu no

mesmo tom evidenciando que: «O Deus de nossos pais, tinha feito grandes coisas e que ouvira as nossas orações». Eis a critica transvaaliana sôbre a marcha e desenvolvimento das operações e principalmente sôbre o combate de Majuba. A honra das armas saíra incólume, gloriosa, do prelio. Soldados, sargentos, oficiais e general tinham-se batido como é usual no exército britânico desde os tempos mais remotos, mas os êrros dos chefes foram muitos, embora fulgurantemente redimidos a custo da própria vida. Essa região, tão típicamente pitoresca, e que tanto delícia o forasteiro, ainda hoje é olhada pelos excursionistas de nacionalidade inglesa, como uma zona de desgraça, de tristeza, de morte.

A guerra, no entretanto, seguiu os seus trâmites nos pontos mais dispersos e afastados do Transvaal. Soldados, civis e mulheres inglesas foram sequestradas do resto do mundo e sofreram os incomodos e privações dos assédios. Todas as fortificações se mantiveram até o fim da campanha, excepto Potchefstroom, que se rendeu a 19 de março. Durante o cêrcos foram mortos vinte e cinco dos seus defensores. Duzentas e cinquenta pessoas achavam-se confinadas num *laager* de vinte e cinco jardas quadradas.

O major Montague consegue defender Standerton com perda de cinco vidas. O tenente Long, que comandava em Lydenburg, teve três homens mortos. O forte de Rustenburg, construído a cêrca de setecentas jardas da aldeia, conservou-se inexpugnável sob o govêrno do capitão Auchinleck com sessenta homens. Defenderam Marabastad sessenta praças do 94. O heroísmo e resistencia dos homens e mulheres cercadas durante bastantes semanas, e com poucas esperanças de socorros, constituem recordações honrosas de uma guerra pouco feliz para a Gran-Bretanha.

O general *Sir Evelyn Wood* sucede a *Sir George Colley* no comando em chefe até a chegada de *Sir Frederick Roberts*, o herói do Afghánistan. O desastre de Majuba pesava sôbre a nação inglesa como um afflictivo luto. Na colonia do Natal, em Durban, tinham desembarcado dez mil homens prontos para proseguir na campanha e desejosos de tirar um retumbante desforço. No entanto *Sir Evelyn Wood*, em virtude de instruções emanadas do govêrno central de Londres, concluía um armistício. Essa guerra não recomeçou. *Sir Frederick Ro-*

berts não passou da cidade do Cabo e pouco depois regressava a Inglaterra.

A herdade de O'Neill, a pequena distancia de Majuba, presenciava a derradeira scena do lamentavel conflito, entre duas raças brancas, na Africa do Sul. Ahi, a 23 de março, Sir Evelyn Wood e o seu estado maior encontram-se com os chefes boers Kruger, Pretorius e Joubert afim de acordarem no tratado de paz. A rainha mantinha a sua soberania. Seria nomeado um residente britânico para representar a soberana junto do govêrno de Pretória. A' Republica do Transvaal restituia-se o direito de tratar dos seus negocios internos por meio de um govêrno próprio.

Este tratado de paz causou estranheza na opinião pública do Reino Unido, em especial nos centros militares e entre os lealistas sitiados, que se queixaram de que as suas perdas e sofrimentos, em pró da causa da Gran-Bretanha, tinham sido baldadas. O «Transvaal não constituia já territorio inglês e o sol continuava a brilhar».

A guerra de 1898-1899 acabou com a independencia das Republicas do Estado Livre do Orange e do Transvaal. Para o conseguir a nação inglesa fez um esforço colossal, como até ahi o não fizera em nenhuma campanha ultramarina, em homens e dinheiro. Hoje, como todos sabem, os dois heroicos países fazem parte da União Sul Africana, constituída, por, além dêles, pelas antigas colonias do Cabo da Boa Esperança e de Natal e ainda por uma parcela da primitiva Rhodèzia.

Hoje a União Sul Africana é um verdadeiro colosso dentro dos dominios britânicos. Tão colosso que por vezes é ella quem se impõe ao govêrno da metropole em vez de seguir as suas indicações.

Que fará no futuro? Futuro, que a derrocada dos impérios centrais tornará cada vez mais presente.

EDUARDO DE NORONHA.

Preparação de officiaes para o exército americano em operações na Europa

(Continuado de pag. 44)¹

Programa da instrução

Os programas foram estabelecidos para um minimo de dez horas de trabalho diário, repartidas em cinco de manhã, tres de tarde e duas á noite, sendo estas últimas consagradas a conferências e estudo.

Esta distribuição não foi absolutamente obrigatoria e sofreu as variantes que os comandantes dos acampamentos e instructores julgaram conveniente introduzir-lhe, atendendo a razões de ordem geral ou forçados por circunstâncias imprevisitas e de momento. Comtudo quasi sempre se diligenciou segui-la, ou modificá-la o menos possivel.

Só foram estabelecidos dois programas: um para officiaes de infantaria; outro para os de artilharia. O limitado numero de alunos escolhidos para a cavalaria, como já ficou dito, quer por falta de cavalos, quer por falta de arreios, teve que ser incorporado nas companhias de infantaria.

Os candidatos destinados á artilharia de costa seguiram a instrução de infantaria durante as quatro primeiras semanas. Depois, para receberem a sua instrução especial, foram reunidos no forte Winfield os que se achavam nos acampamentos de Leon, Springs e Presídio de São Francisco, e todos os demais no forte Monroe.

Não foi estabelecido programa especial para a instrução dos artilheiros de costa, mas os comandantes dos dois fortes foram autorizados a organizar os cursos como tivessem por mais conveniente e sem limitação de tempo.

¹ *Revista Militar* n.º 1 de 1919.

PROGRAMA PARA OS OFICIAIS DE INFANTARIA

*Primeira semana**Horas de instrução
por semana*

Organização do acampamento, distribuição do fardamento, instalação de barracas.....	8
Conferencias.....	9
Estudo.....	9

PRATICA DE MARCHAS

Companhia sem armas.....	1
Companhia com armas.....	1
Companhia com equipamento aligeirado.....	1

EXERCICIOS

Gimnástica.....	2
Instrução individual.....	4
Escola de esquadra.....	4
Escola de companhia.....	4

ESTUDO E CONFERENCIAS

Tactica de infantaria.....	10
Limpeza e conservação do armamento e equipamento..	2
Disposição e carga do material.....	3
Manual de tiro.....	2
Honras e continencias militares.....	1

Segunda semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCICIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Esgrima de baioneta.....	2 1/2
Escola de companhia.....	7 1/2
Manejo de armas.....	5
Transmissão de sinais.....	2 1/2
Lançamento de granadas.....	2 1/2
Pratica de vozes de comando.....	2 1/2
Marchas: companhia equipada em ordem de marcha...	2 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Tactica de infantaria.....	10
Manual de tiro.....	4
Regulamento dos serviços interno e de guarnição.....	4
Codigo de sinais.....	2

Tercêira semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCÍCIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	7 1/2
Manejo de armas.....	5
Primeiros curativos.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	2 1/2
Esgrima de baioneta.....	2 1/2
Lançamento de granadas.....	2 1/2
Marchas: companhia com equipamento completo.....	2 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Regras sobre o emprego da baioneta.....	5
Tactica de infantaria.....	5
Regulamento de tiro.....	2
Regulamento de campanha.....	4
Regras ácerca do emprego das granadas e dos morteiros de trincheira.....	4

Quarta semana

Os primeiros cinco dias da quarta semana serão empregados na construção de entrancheiramentos e combate nestes.

Na segunda, terça e quarta feira serão destinadas oito horas diarias á abertura de trincheiras e colocação de defesas accessorias ; na quinta-feira de manhã todas as companhias, com os respectivos instructores, guarnecerão as trincheiras e nelas permanecerão até sexta á noite.

Durante todo o tempo que os alunos se conservem nos entrancheiramentos, serão instruídos no seu ataque e defesa, no emprego das granadas de mão e dos gazes asfixiantes, na transmissão de ordens, serviços de guardas de trincheira e de sentinelas, rendição de unidades, cuidados de limpeza e desinfeccção das trincheiras etc...

Supôr-se ha ter sempre o inimigo á vista e portanto todos os movimentos dentro das trincheiras, incluindo o transporte de material e de viveres, serão baseados nessa hipótese.

Não sendo possivel concluir a construção de um completo sistema de trincheiras, abrigos, postos, etc... far-se ha o traçado dos mesmos com estacas, proceder-se ha a uma ligeira excavação e todos os movimentos se farão depois como se estivessem completamente excavados. Se durante este periodo fôr julgado conveniente realizar alguma instrução que não possa ser executada nas trincheiras, como, por exemplo, movimentos em ordem unida, as forças sairão das trincheiras para praticarem os exercicios nas proximidades, voltando a ocupá-las logo que elles terminarem.

Quinta semana

Horas por semana

Conferencias	10
Estudo.....	10

EXERCICIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2 1/2
Escola de batalhão.....	2 1/2
Manejo de armas.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	2 1/2
Esgriima de baioneta.....	2 1/2

SERVIÇO DE CAMPANHA

Patrulhas.....	5
Marchas: batalhão com equipamento completo.....	2 1/2

MATERIAS DAS GONFERENCIAS E ESTUDO

Regulamento tático de infantaria.....	6
Leitura de cartas.....	4
Regulamento de campanha.....	6
Preceitos relativos á esgrima de baioneta.....	4

Sexta semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCICIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	2 1/2
Esgriima de baioneta.....	2 1/2
Manejo e emprego de armas especiais.....	2 1/2
Tiro ao alvo, apreciação de distancias, uso de telemetros	5

SERVIÇO DE CAMPANHA

Guardas avançadas e de rectaguarda	7
Postos avançados.....	3

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Pequenos problemas táticos para infantaria.....	10
Regulamento tático de infantaria.....	10

Setima semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCÍCIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	1/2
Esgrima de baioneta.....	2 1/2
Manejo e uso da pistola.....	2 1/2
Tiro ao alvo, apreciação de distancias, uso de telemetros.....	7

SERVIÇO DE CAMPANHA

Combate da companhia.....	7 1/2
Instrução e manejo de metralhadoras.....	2 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Pequenos problemas para infantaria.....	10
Emprego de fogos em combate.....	10

Oitava semana

Todas as companhias com os respectivos instrutores voltarão a ocupar o sistema de entrincheiramentos já construido, desde a manhã de segunda feira até á noite de quarta, isto é durante tres dias e duas noites. Durante este tempo, a instrução consistirá no desenvolvimento da que foi ministrada na quarta semana e poderá também compreender a reparação das trincheiras e construção de alguma outra obra de fortificação.

O programa para o resto da semana será o seguinte :

Horas por semana

Conferencias.....	4
Estudo.....	4

EXERCÍCIOS

Gimnástica.....	1
Escola de companhia.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	1/2
Esgrima de baioneta.....	1
Esboços do terreno.....	6

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Fogos em combate.....	4
Noções sobre a infantaria, cavalaria e artilharia.....	4

Nona semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCICIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	1/2
Esgrima de baioneta.....	2 1/2
Tiro ao alvo, etc.....	5
Esboços do terreno.....	8 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Pequenos problemas para infantaria.....	10
Regulamento tactico da infantaria.....	10

Decima semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCICIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2 1/2
Transmissão de sinais.....	1/2
Esgrima de baioneta.....	2
Marcha do batalhão com equipamento completo.....	2
Tiro ao alvo.....	4

SERVIÇO DE CAMPANHA

Combate do batalhão—ataque.....	6
Esboços do terreno.....	7 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Noções sobre o combate nas trincheiras.....	8
Pequenos problemas para infantaria.....	6
Ofensiva das pequenas unidades.....	6

Decima primeira semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCÍCIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2 1/2
Esgrima de baioneta.....	2 1/2
Marcha do batalhão com equipamento completo.....	2 1/2
Tiro ao alvo.....	7 1/2

SERVIÇO DE CAMPANHA

Combate do batalhão em guarda avançada.....	6
Emprego de metralhadoras.....	2 1/2
Honras e continencias militares prestadas pelo batalhão.....	1 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Noções sobre metralhadoras	14
Prescrições relativas ao emprego do fogo da infantaria..	6

Decima segunda semana

As companhias guarnecerão as trincheiras desde a manhã de segunda feira até á noite de quarta, e a instrução consistirá no desenvolvimento da ministrada na quarta e oitava semanas. Voltará a insistir-se em que todos os serviços sejam executados pela mesma fôrma que em campanha, supondo o inimigo á vista, e que se a força sair das trincheiras para evolucionar durante curtos períodos de tempo em ordem unida, o serviço de campanha não será interrompido. Enquanto permanecerem nas trincheiras, os alunos serão exercitados no ataque e defesa das mesmas durante a noite. Para os restantes dias da semana, o programa será o seguinte :

	<i>Horas por semana</i>
Conferencias.....	4
Estudo.....	4

EXERCICIOS

Gimnástica.....	1
Escola de companhia.....	2
Transmissão de sinais.....	1/2
Esgrima de baioneta.....	1
Fogos de guerra.....	6 1/2

MATERIAS DAS CONFERENCIAS E ESTUDO

Manual de tiro.....	8
---------------------	---

Decima terceira semana

Conferencias.....	10
Estudo.....	10

EXERCÍCIOS

Gimnástica.....	2 1/2
Escola de companhia.....	2
Escola de batalhão.....	2
Transmissão de sinais.....	1 1/2
Esgrima de baioneta.....	2 1/2
Formaturas, paradas, revistas.....	2

SERVIÇO DE CAMPANHA

Combate defensivo do batalhão em postos avançados...	6
Prática dos serviços administrativos da companhia; regime interno da companhia, incluindo quanto respeita a fardamento, equipamento e alimentação. Estudo da parte do Regulamento geral do exercito relativo á companhia. Prática da escrituração regulamentar.....	10

Programa para os oficiais de artilharia

O programa para a instrução dos oficiais destinados à artilharia foi semelhante ao anterior, com as modificações correspondentes às diferenças entre as duas armas.

Como o fim com que apresentámos na integra o programa da infantaria foi o de dar uma ideia completa do sistema seguido na instrução, para não alargar este trabalho, já demasiado extenso, prescindimos de publicar o de artilharia, substituindo-o por um resumo geral das suas disposições.

O número total de horas empregadas por semana em exercicios, conferencias e estudo chega a 47 1/2, mas devemos recordar que o sabado não se inclue nesta conta, por haver sido consagrado a recuperar o tempo perdido nos dias anteriores, e aos convenientes desenvolvimentos da instrução ordenados pelos comandantes dos acampamentos.

A estudo e conferencias são destinados, como na infantaria, vinte horas por semana, e a exercicios e trabalhos práticos 20 1/2 horas.

Não se destina tempo algum à construção de trincheiras, nem se guarnecem os entrincheiramentos construidos pela infantaria.

Em vez disso realizam-se extensas marchas, escolhendo e ocupando posições e acampando durante varias noites.

Os assuntos das conferencias, incluem, áparte outras de menor importância, as seguintes matérias: regulamento tactico da artilharia; organização do exército; regulamento de campanha; hipologia; cuidados com o gado e com os arreios; continencias e honras militares; serviço de guarnição; primeiros curativos; determinação de dados de tiro; problemas de tiro; principios de balística; serviços de informação; esboços do terreno e organização de itinerarios; marchas e estacionamento; descrição e cuidados com o material; municiamiento; transportes; diversas espécies de tiro; fabrico de material; conselhos de guerra; administração; abastecimento de viveres; escrituração e contabilidade; noções especiais acerca da artilharia nos campos de batalha europeus.

Os exercicios, alem da gymnastica, compreendem: pratica dos assuntos versados nas conferencias, e de todos os movimentos e prescrições contidas nos regulamentos tactico e de tiro; equitação; construção de abrigos; meios de mascarar as baterias; transmissão de sinais; prática do tiro; desenho de esboços do terreno; reconhecimento e escolha de posições; tiro com a pistola; observação do tiro, etc.

Analogamente ao da infantaria, este programa dá uma ligeira ideia de tudo o que respeita ao serviço e ao emprego tactico da unidade — bateria —, sem entrar na parte scientifica dos estudos da artilharia, para a qual se não podia contar nem com o factor tempo, nem com alunos suficientemente preparados.

Resultado do primeiro curso de instrução

O primeiro curso de instrução para officiaes começou em 27 de Agosto de 1917 e terminou, sem incidentes dignos de menção, em 24 de Novembro. O trabalho a que os candidatos foram submettdos foi muito violento, tanto intelectual como fisicamente, e este facto aliado a uma severa disciplina, necessaria nos Estados Unidos mais do que em nenhuma outra nação por causa do exagerado individualismo que caracteriza o povo americano¹, foi origem de uma selecção natural que,

¹ Esta afirmação, ainda que aparentemente bem motivada, fica por conta do official espanhol que subscreve o relatório que vamos seguindo. Há razões doutra ordem que podem reclamar uma disciplina não menos severa... fóra dos Estados Unidos!

começando no dia da abertura dos cursos, se prolongou ainda pelo mês de Outubro.

A falta de robustez física ou de aptidões militares, hábitos viciosos e o mau comportamento, foram causa de que alguns candidatos tivessem de abandonar os campos de instrução voluntariamente ou por deles serem expulsos. Contudo, não foram em grande numero os que assim os deixaram; na sua grande maioria, os alunos resistiram ao trabalho e comportaram-se bem, ainda que nem todos colheram igual aproveitamento da precipitada instrução que lhes foi ministrada.

Ao findarem o curso, todos os candidatos julgavam que obteriam a nomeação de oficial, mas tal não sucedeu. Os comandantes dos acampamentos formularam listas de informação que remeteram ao Ministerio da Guerra e aqui foi feita a classificação geral. Em seguida foram promovidos a official os candidatos que pelo seu aproveitamento e procedimento foram julgados merecedores de tal promoção, ficando os restantes na disponibilidade e na expectativa de a obterem no caso de preencherem os requisitos necessarios e serem julgados convenientes os seus serviços.

Todos os candidatos promovidos foram desde logo destinados aos acampamentos ocupados pelos recrutas procedentes do recrutamento obrigatorio, onde, ao mesmo tempo que auxiliavam os officiais do exército regular e da Guarda Nacional encarregados de ministrar a instrução, praticavam, aperfeiçoavam e desenvolviam tudo quanto haviam aprendido nos tres meses de duração do curso especial para officiais de reserva.

*
* *

Como se vê, foi deveras curiosa e reveladora de um notavel senso pratico a forma como nos Estados Unidos se improvisaram e prepararam officiais para enquadrar os 2 a 3 milhões de homens que, no presente momento, constituem o exército norte americano, quer presente na Europa, quer ainda na America.

Não tencionará acaso o nosso Ministerio da Guerra dar à publicidade os relatorios dos Directores das nossas *Escolas*

preparatorias de oficiais milicianos, que têm funcionado segundo crêmos desde 1916?

Não seria por todos os motivos vantajoso publicar tais relatórios, acompanhados dos programas seguidos e dos dados estatísticos relativos à frequência e aproveitamento de cada turma de alunos das referidas Escolas?

Não contribuirá essa publicação para pôr em evidencia o esforço militar desenvolvido por Portugal para tomar parte na grande guerra europeia e simultaneamente nas campanhas em Africa?

Esperamos que ao menos na *Parte não oficial das Ordens do Exército*, que tantos e tão notáveis relatórios tem inserido, não deixe de ser dado cabimento aos dos Directores das Escolas de oficiais milicianos, os quais por todos os títulos devem ser sumamente interessantes e de elucidativa lição para futuras exigencias e necessidades do nosso exército.

Lisboa, Novembro de 1918.

P. S.



A conquista da Africa Oriental Alemã

Após uma campanha pertinaz terminou a resistencia da ultima parcela do dominio colonial alemão na Africa Oriental, resistencia já prolongada desesperadamente desde fins de Novembro de 1917, em que as derradeiras, mas seleccionadas forças alemãs, sob a pressão envolvente das colunas aliadas, passaram para o Sul do Rio Rovuma, internando-se em territorio portugûês, com uma mobilidade, que lhes permitiu durante bastante tempo, escapar á perseguição das colunas britannicas e portugûesas, retirando ainda para a sua antiga colonia.

Tão demorada campanha pode ser estudada por fases anuais, devido a cada época das chuvas paralisar as forças adversas, não só por tornar impraticaveis os caminhos, como ainda por exigir um trabalho de reorganização, rendendo as tropas fatigadas ou pelo menos remodelando a sua organização, para preencher os desfalques provenientes dum mortifero clima, e sobretudo tambem, por cada fase salientar caracteristicos especiais nos renhidos combates travados durante cinco anos.

Assim depois de cada ano decorrido, os adversarios reorganizavam as suas forças, ou transferiam a zona de operações para outro local, apresentando no principio da nova epoca seca, quando as comunicações eram viaveis para recommencarem a luta, uma nova situação militar, tornando mais destacados os episodios da campanha para se poderem estudar detalhadamente, e constituindo para uma nação colonial interessantes ensinamentos, sob o ponto de vista pratico de visar a mais eficaz execução dos preceitos regulamentares, cuja doutrina foi aliás comprovada, como seria de esperar, por terem sido deduzidos de principios já fixados pela sciencia da guerra, ainda que, novos recursos fossem empregados nesta campanha de movimento.

Poderosos e caríssimos meios de acção foram postos ao dispôr das tropas na campanha da Africa Oriental, cuja ultima fase se desenrolou dentro do nosso territorio tendo o desenlace proximo da fronteira. Cedo é ainda para um documentado estudo critico, mas oportuna se afigura uma sumaria descrição, sintetizando os principais acontecimentos, que enquadram a nossa honrosa participação na guerra, naquellas longinquoas paragens, onde o nome português mantém gloriosas tradições, ainda não apagadas, mesmo perante as grandes potencias, que em 1886 talharam largas colonias na Africa Oriental, e agora novamente se propõem retalha-la na visinhança de interesses portugueses, que se empenharam nesta campanha, afirmando vitalidade, e desenvolvendo um esforço consideravel, na cooperação com as riquissimas colonias britannicas e belga, para subjugar o Protectorado da Africa Oriental Alemã, que animado do tradicional espirito militarista prussiano apresentou uma capacidade de resistencia surpreendente.

Como sempre, tomando sem hesitação a ofensiva, atropelando direitos e despresando deveres, sem escrupulos na sua brutal obsecação colectiva de dominar sobre todos, os alemães invadiram desde logo o Congo Belga, que pretendia manter a sua neutralidade, e atacaram a 25 de Agosto de 1913, o posto português de Maziua, massacrando os soldados indigenas e o sargento europeu comandante, sendo esta assinalada chacina o primeiro choque onde foi vertido o sangue português, num posto isolado sem telegrafo, a 400 kilometros do litoral, e ignorando sem duvida, que a Alemanha tivesse desencadeado a guerra em todas as partes do mundo, mais uma vez confirmando, a frase classica de Mirabeau — «que a guerra era a industria nacional da Prussia».

Este massacre de Maziua constituiu um tipo dos processos do inimigo, provando a sua orientação já preconcebida contra os portugueses, de quem se propunha ser herdeiro, apossando-se das nossas colonias africanas, fosse pela violencia ou pela diplomacia.

Para nos desapossarem de Quionga, intitularam-se os alemães sucessores do sultão de Zanzibar, olvidando porêm, que antes do sultão dominar na costa de Quiloa a Mombaça, tinham os portugueses cimentado o seu dominio pelo co-

mercio, pelas missões religiosas, e pelos seus soldados ou marinheiros, sendo ainda hoje citada nos itinerarios (The guide to South and East Africa) a criação das feitorias na iniciativa do nosso commercio com a Índia, o martirio dos nossos missionarios e a heroica resistencia de Mombaça, durante tres anos ao cerco dos arabes, no seculo XVII, restando por fim no ultimo assalto onze homens e duas mulheres, que foram massacrados na vespera de lhes chegar o segundo socorro da Índia ¹.

Foi tambem nesta campanha contemporanea, que terminou pela conquista da Africa Oriental Alemã, um primeiro socorro de tropas britannicas vindas da Índia, que permitiu resistir á preconcebida ofensiva dos alemães, enquanto não surgia uma mais possante força da Africa do Sul, ligando assim por estes factos a historia da Africa Oriental á tradicional cooperação da Índia e á nova mas mais vigorosa intervenção do forte nucleo europeu recentemente criado na Africa do Sul, cuja influencia será cada vez mais preponderante na Africa Oriental, ligando o caminho de ferro do Cabo ao Cairo, por intermedio dos planaltos da Africa Oriental suscetiveis de colonização europeia.

Confiante e progressivo, o Protectorado da Africa Oriental Alemã, surgiu pela iniciativa individual do Dr. Carl Peters, que em 1884, obteve de alguns chefes indigenas, doze tratados de concessões territoriais, logo perfilhados pela Allemanha, não obstante a declaração do seu chanceler Bismarck, de que não tinha pretensões coloniais; declaração falsa, porque logo foram cedidos esses pseudos direitos territoriais a uma companhia soberana, ² para depois em breve voltarem para o governo alemão, e assim se constituir em 1914, a mais prospera colonia alemã, firmando rapidamente a sua origem duvidosa.

¹ Hoje ainda, é o forte o principal edificio da cidade de Mombaça e serve de prisão. O forte foi construido em 1593 tendo sido desmantelado e massacrada a sua guarnição em 1631; reconstruido logo em 1635, sofreu depois em 1696 novo cerco de 33 meses, até ao segundo massacre referido.

² A «Sociedade de Colonização Alemã» foi fundada por C. Peters, em 1884 com 35 consocios, arriscando cada um o capital de 250 libras, e recebeu a carta imperial de soberania em 1885, assinada pelo proprio Bismarck.

Em 1887 foram comprados pelos alemães ao sultão de Zanzibar os seus pouco efectivos direitos aos territorios do Oceano Indico, em face da ilha de Zanzibar, e estendendo-se vagamente para o Sul até ao Cabo Delgado, denominação que também tinham os territorios ao Sul do Rio Rovuma, se bem que, havendo uma ponta de terra com o mesmo nome, mas na qual os direitos portuguezes estão indiscutivelmente firmados pelo farol ali levantado, e cuja posse os alemães respeitaram ao usurparem-nos a região de Quionga, sob o pretexto de que estava incluída nos territorios comprados, demarcando eles a fronteira por uma linha arbitraria, tão tortuosa, quanto os seus propositos, mas guardando os melhores terrenos, sem respeito pela convenção de 1894, que marcava como limife o paralelo 10°40'.

Data de 1890 a confirmação internacional da posse da colonia alemã, quando a Inglaterra estabelecia o seu protectorado sobre a ilha de Zanzibar, e a França firmava o seu dominio em Madagascar, sendo ainda nesse tratado trespassada da Inglaterra para a Alemanha, a Ilha de Heligoland, cuja grande importancia militar provinha da sua situação fronteira ao estuario de Hamburgo; não sendo porém mais tarde compensada a benevolencia pacifica da Inglaterra, quando esta em 1894, pretendia obter uma faixa de terreno no então Estado Livre do Congo, com o fim de ligar em terreno seu, a grande linha ferrea projetada do Cabo ao Cairo, porque então, a Alemanha logo interveio, contrariando a pretensão inglesa.

Apesar da muito reclamada competencia administrativa dos alemães, varias revoltas indigenas se levantaram na colonia, sendo das mais importantes, aquela que de surpresa se deu em 1905, na margem Norte do Rovuma, com grande mortandade dos europeus surpreendidos, e também grande morticínio dos indigenas, devido á cruel repressão da revolta pelos alemães, cujas tropas enforcavam sumariamente os indigenas, como ficou comprovado em fotografias. Entretanto a riqueza agricola do Protectorado florescia, fornecendo a Alemanha de materias primas da agricultura tropical.

A area do Protectorado abrangia uma superficie compreendendo duas vezes a Alemanha, tendo a Nordeste planaltos já accessiveis á colonização europeia e sendo a vasta colonia

regada por numerosos rios desaguando no Oceano Indico, enquanto ao Norte e a Leste era bordada pelos maiores lagos da Africa. Ao sistema de comunicações fôra dado um grande incremento com capitais alemães, desde o inicio da colonia circulando no serviço de navegação da Africa Oriental os melhores navios, que faziam viagens completas de circumnavegação da Africa. Ao desenvolvimento das linhas ferreas fôra dedicada especial atenção, construindo-se a linha ligando o porto de Tanga com os fertes planaltos do Kili-manjaro (a mais alta montanha de Africa, com uma altitude de seis mil metros), e construindo a linha ferrea ligando o porto de Daressalam, onde os alemães tinham organizado a capital da sua antiga colonia, com o lago Tanganika, extensa via maritima, que duplicava o valor do caminho de ferro como meio de comunicação. Esta via ferrea constituia pelos transportes que permitia um recurso militar importantissimo; fôra construída por uma companhia, mas sendo o estado o seu maior acionista; a linha tinha um desenvolvimento de 1268 kilometros e tendo sido iniciada a sua construção em 1905, estava completada em 1914 pouco antes de começar a guerra.

A população do Protectorado da Africa Oriental Alemã, era avaliada em 1914, ao principiar a guerra, em oito milhões de indigenas, catorze mil indianos e cinco mil alemães, sendo porem acrescida esta população alemã, pelas tripulações dos navios, que se refugiaram nessa ocasião nos portos da colonia, e tambem ainda pela chegada pouco antes da declaração de guerra, dalguns categorizados alemães, que vinham assistir á abertura de uma exposição em Daressalam, contando-se entre eles o general Wahle, que tanto se distinguiu durante toda a campanha, ainda que subordinado ao coronel Von Lettow Forbeck, que comandou sempre as forças alemães, ainda mesmo quando acompanhado pelo governador do Protectorado.

A organização militar do Protectorado era em 1914 antes de iniciada a guerra, constituída por uma policia indigena militarizada, formada por 67 graduados europeus e 2140 praças indigenas, enquanto as tropas contavam um efectivo de 240 europeus enquadrando catorze companhias indigenas, dotadas cada uma com duas metralhadoras, uma secção de sina-

leiros, um comboio de carregadores e um deposito de companhia, isto é, prontas a mobilizar com eficiencia.

O principal caracteristico destas tropas era uma continua instrução diaria, mesmo durante a campanha, com o fim de manter uma inalteravel disciplina e alcançar dos graduados indigenas (com promoções até sargentos e vencimentos até 150 marcos por mês), uma iniciativa e dedicação habitual, que bastante foi posta á prova numa demorada e difficil guerra de movimento.

Curioso se torna observar, que tempos antes de começar a guerra, eram atraídos com vantagens de recrutamento, concedidas pelos alemães para as suas tropas, os soldados indigenas tendo já servido nas colonias inglesas visinhas e nestas tido baixa de serviço, conseguindo desta forma os alemães, não só diminuir os efectivos de mobilização dos futuros adversarios, mas ainda obter sem dispendio de tempo e dinheiro na recruta, os efectivos das suas tropas, com soldados praticos e sobretudo dedicados ao serviço militar, do qual faziam profissão, chegando até alguns depois de aprisionados pelos ingleses a continuar a campanha ao lado destes com a costumada dedicação profissional.

Estas tropas indigenas alemãs estavam desde o principio da campanha muito bem enquadradas e no decurso dela, sempre os quadros foram cuidadosamente preparados, visando a melhor eficiencia dessas tropas.

Já em Março de 1917 publicava a revista militar da Africa do Sul "The Nongqai" a seguinte interessante informação: — "serem os criticos militares de opinião, que a resistencia da Africa Oriental Alemã ficaria memoravel, como uma das mais notaveis campanhas defensivas da historia militar", — e se notarmos, que essa resistencia foi ainda prolongada por mais dois anos, sem receber qualquer socorro e numa região muito insalubre, os ensinamentos desta campanha assumem maior importancia para as nações, que conservam dominios coloniais.

(Continua).

E. A. MARTINS

Ten. Coronel

ALVO REGULADOR DE PONTARIAS

Este alvo é destinado aos exercicios preliminares de tiro, e, pela sua precisão, substitue totalmente o antigo *regulador de haste*, ainda hoje adoptado no nosso exercito.

Compõe-se das seguintes peças:

- 1.^a — *Quadro indicador*, com nove quadrados iguais e igual numero de *mouches*;
- 2.^a — *Face anterior*, com caixilho e abertura quadrada ao centro;
- 3.^a — *Travessa horizontal*, com *mouche* e pequeno orificio;
- 4.^a — *Travessa vertical*, com corredeças e canal ao centro;
- 5.^a — *Face posterior*, com corredeças e porta com grade;
- 6.^a — *Fuso horizontal*, com porca e dois volantes;
- 7.^a — *Fuso vertical*, com porca e volante;
- 8.^a — *Guias laterais*;
- 9.^a — *Guia inferior*;
- 10.^a — *Parafusos de ligação*, com porcas e anilhas.
- 11.^a — *Cavalete*.

Instruções para o seu emprego

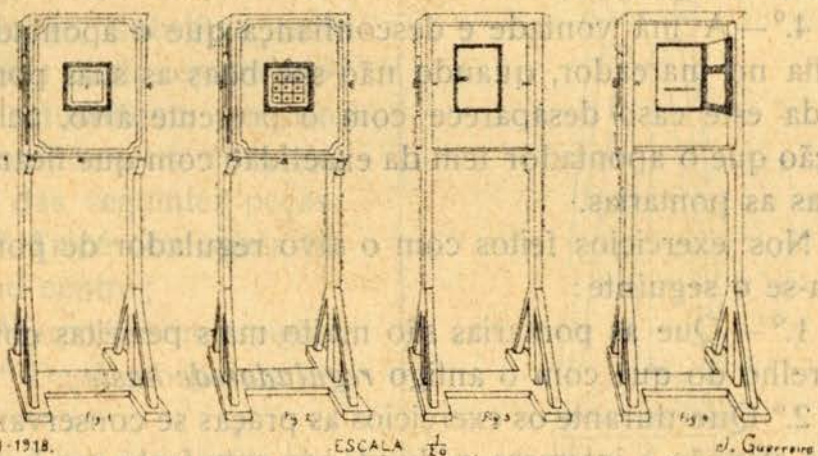
Colocado o alvo no seu cavalete, (fig. 1), que deve ficar a dez metros de distancia dum outro destinado á arma, e medido na grade da porta, (fig. 4), o impresso para receber as pontarias, introduz-se o quadro indicador no caixilho respectivo (fig. 2), e dirige-se uma pontaria para qualquer das nove *mouches* do quadro indicador, cujos quadrados devem coincidir o mais possivel com os do impresso.

Feito isto retira-se o quadro indicador, e manda-se a praça que vai executar o exercicio, sem deslocar a arma da sua posição, fazer tres pontarias para a *mouche* colocada na travessa horizontal, a qual se moverá por meio dos fusos horizontal e

vertical, conforme as indicações do apontador, tendo o instrutor o cuidado de a deslocar da sua posição, depois de marcada cada pontaria.

Logo que a praça tenha feito as tres pontarias, o instrutor, abrindo a porta do alvo, mostra-las-ha e marcará por debaixo delas e dentro do repectivo quadrado, o numero do apontador. Fechando em seguida a porta, (fig. 3), torna a colocar o quadro indicador e dirige nova pontaria para uma das outras *mouches*, procedendo depois como anteriormente se disse, para com as restantes praças, até que estejam preen-

ALVO REGULADOR DE PONTARIAS



chidos os nove quadrados do impresso, que será então substituído por outro, a fim de se continuar o exercicio.

Estes impressos deverão formar um livro que servirá para o registo das pontarias, e pelo qual, facilmente se poderá verificar o grau de aperfeiçoamento, que as praças tenham obtido nestes exercicios preliminares, tão necessarios para se conseguirem bons atiradores.

Vantagens

Com o presente alvo regulador de pontarias ficam abolidos por completo os inconvenientes que se notam com o antigo *regulador de haste*, e que são os seguintes:

1.º—Que a praça encarregada de manejar o regulador possa favorecer o apontador, tornando desta forma nulo o exer-

cicio. Este caso não se pode dar com o presente alvo, visto que a praça encarregada de o manejar, não vê onde faz as marcações;

2.º — O deslocar-se o regulador, depois do apontador ter mandado marcar, sem que a praça encarregada de o manejar dê por isso, resultando deste facto, um grande e irremediável erro. Também se não dá este caso com o alvo regulador de pontarias, visto a *mouche* ficar imóvel logo que o apontador mande marcar a pontaria feita;

3.º — A falta de regularidade e demora nas deslocações do regulador, fatigando a vista do apontador, o que não succede com o presente alvo, cujas deslocações da *mouche* são rápidas e regulares;

4.º — A má vontade e desconfiança que o apontador deposita no marcador, quando não são boas as suas pontarias. Ainda este caso desaparece com o presente alvo, pela convicção que o apontador tem da exactidão com que ficam marcadas as pontarias.

Nos exercicios feitos com o alvo regulador de pontarias, nota-se o seguinte:

1.º — Que as pontarias são muito mais perfeitas com este aparelho do que com o antigo *regulador de haste*;

2.º Que durante os exercicios as praças se conservam com mais atenção e interesse, redundando este facto em beneficio da instrução, que feita com o presente alvo se torna mais rápida e proveitosa;

3.º — Que fazendo o instructor as suas pontarias rigorosas, devem as do apontador ficar sensivelmente ao centro do quadrado correspondente ao da *mouche* para onde o instructor dirigiu a pontaria; e quando isto não suceda é indicio certo de que o apontador fez tres pontarias erradas, embora á primeira vista pareçam muito boas. Estes erros que, com o alvo regulador de pontarias, saltam immediatamente á vista, com o antigo regulador raras vezes eram notados, não podendo por isso ser corrigidos.

Julgo pois, que este modesto trabalho, muito contribuirá para que, da instrucção preliminar de tiro se possa tirar de futuro, mais proveitosos resultados.

Cavalete de pontarias

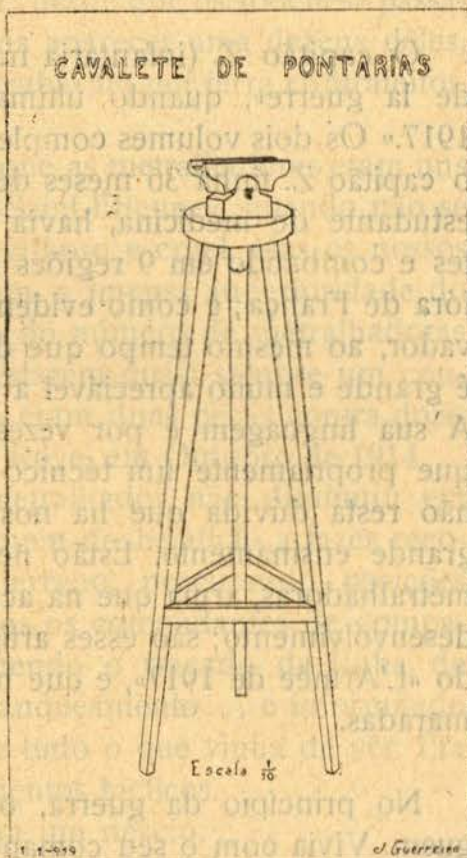
No intuito de aperfeiçoar tanto quanto possível os aparelhos hoje empregados na instrução preliminar de tiro, e tornando-se indispensavel para ministrar uma perfeita instrução com o «*Alvo regulador de pontarias*», um novo modelo de cavalete para arma, que satisfaça aos fins desejados, julgo ter solucionado esse problema com o presente «*Cavalete de pontarias*», o qual, pela sua simplicidade e precisão, substitue com vantagem qualquer dos modelos actualmente em uso.

Compõe-se o cavalete, fig 1, das seguintes peças:

- 1.^a Tripé com mesa furada ao centro;
- 2.^a Suporte com espigão;
- 3.^a Descanso para a arma;
- 4.^a Eixo com parte rosçada, duas porcas e chaveta.

Com este cavalete, que facilmente se pode adaptar a qualquer arma, podem fazer-se com bastante rapidez quaisquer pontarias, tanto no sentido vertical como horizontal, para o que basta segurar a arma pela coronha, e dar-lhe a direcção que se desejar, tendo sempre o cuidado de conservar levemente ajustada a porca da parte rosçada do eixo, para que a arma não possa deslocar-se depois de feita a pontaria.

E' este, apesar da actual carestia do material, talvez o mais economico de todos os modelos que até hoje tem sido adoptados no nosso Exercito.



JOAQUIM GUILHERME GUERREIRO
Capitão de Infantaria

O oficial metralhador

O capitão Z. (infantaria francesa) havia escrito «L'Armée de la guerre», quando ultimamente escreveu «L'Armée de 1917.» Os dois volumes completam-se. Ao escrever o segundo, o capitão Z. tinha 36 meses de guerra, para onde veio sendo estudante de medicina, havia pertencido a 5 corpos diferentes e combatido em 9 regiões muito diversas, duas das quais fóra de França; e como evidentemente é um profundo observador, ao mesmo tempo que dotado de bastante inteligência, é grande e muito apreciável a experiência que tem adquirido. A sua linguagem é por vezes mordaz e nem sempre será a que propriamente um técnico deve empregar como tal; mas não resta dúvida que ha nos seus livros capítulos de um grande ensinamento. Estão neste caso os que interessam às metralhadoras, arma que na actual guerra teve um prodigioso desenvolvimento; são esses artigos, que traduzimos livremente do «L'Armée de 1917», e que hoje oferecemos aos nossos camaradas.

No princípio da guerra, o oficial metralhador era já alguém. Vivia com o seu comandante de batalhão; passeava de bicicleta pelas estradas, ao tempo que os seus camaradas palmilhavam quilómetros sôbre quilómetros; quando se chamavam os comandantes das unidades, simples tenente encontrava-se ao lado dos capitães, de mais idade que êle, e tomava conhecimento directamente das intenções do seu chefe; comandava poucos homens, mas esses homens julgavam-se superiores a todo o resto do batalhão; e se se ignorava ainda o poder formidável das suas metralhadoras, conhecia-se já o bastante sôbre esses engenhos para esperar o seu primeiro emprêgo em grande escála no campo de batalha com curiosidade e ao mesmo tempo confiança.

O que viemos a conhecer, ai! como feito de metralhadoras, durante as nossas custosas ofensivas do mez de Agosto de 1914, foi as «Maxims boches» que ceifaram nas nossas fileiras com uma notável regularidade. Mas desde que as «Saint-Etienne» francesas se puseram a «cuspinhar», com êsse ruído que lhe é característico nas grandes velocidades, foi um reconforto imenso para o infante, um apoio moral comparável ao do 75, quando não é entontecido pela artilharia pesada móbil dos nossos adversários. E desde que os «boches» passavam ao ataque, assim que se via aparecer uma dezena dêles, as nossas metralhadoras os derrubavam por terra contrafeitos, horrorizados, aniquilados.

Foi desde então percebido que as metralhadoras eram uns aparelhos terríveis, e que a «Saint-Etienne», quando não se travava, era um «bijou» maravilhoso e cruel. Mas os nossos oficiais metralhadores acusavam a imensa superioridade do inimigo sob o ponto de vista do número de metralhadoras em linha, e queixavam-se de estarem quasi sempre um contra tres ou quatro, quando não eram duas peças contra doze, como aconteceu na batalha de Roye, em Outubro de 1914.

A autoridade do oficial metralhador não diminuiu em cousa alguma. Era o único homem do batalhão a fazer reconhecimentos incessantes do terreno, procurando posições para a sua secção, vendo todos os comandantes de companhias, interrogando-os, conhecendo o traçado da linha de fogo, os ângulos mortos, de flanqueamento... e informando o comandante do batalhão de tudo o que vinha de vêr. Era o grande agente de reconhecimentos tácticos.

Tinha de provar que não era um néscio.

Na maioria dos casos, o oficial metralhador deu provas de iniciativa. Sei de vários que tiraram os seus camaradas e o seu comandante de situações difíceis. Tinham percorrido o terreno, estavam senhores da situação, ousavam obrar e falar: e eram escutados.

Quando os não escutavam desde logo, ousavam insistir e, quando necessário, contradizer oficiais mais antigos ou de um grau superior: eram oficiais metralhadores e faziam-no vêr bem. «As únicas vezes que fiz alguma coisa de inteligente no princípio da campanha, dizia um professor de um dos numerosos cursos que segui depois do princípio da guerra, foi

quando executei quasi o contrario do que se me havia ordenado." Este capitão era official metralhador, e elle queria dizer que havia sempre no combate conservado a sua iniciativa pessoal e não tinha nunca executado uma ordem sem a modificar nos seus detalhes e reservar-se a escolha de todos os processos de execução.

E' esta iniciativa do official metralhador que eu encontro sublinhada no texto da Legião de Honra do capitão Ruffié, do 83.º de infantaria: "Como tenente commandando uma secção de metralhadoras no principio da campanha, a 22 de Agosto de 1914, estabeleceu *espontaneamente* a sua secção na extrema-guarda da retaguarda do batalhão, mantendo-a em acção sob um fogo violento o tempo necessário para permitir assegurar a retirada do batalhão. Como commandante de companhia, tomou com a sua unidade uma parte brilhante nos combates de 7 e 8 de setembro de 1914. Foi ferido gravemente a 14 de Setembro de 1914, quando conduzia valentemente a sua companhia ao assalto duma posição inimiga particularmente forte."

Eu admiro esta segurança de si mesmo, que fez achar a êste mancebo a posição justa, útil, frutuosa, muito perigosa também, e lha faz ocupar sem ordem durante o tempo requerido. Numerosos officiaes metralhadores tem tido que resolver problemas táticos semelhantes, e souberam achar a solução. Eles aprendem na guerra muito mais do que ninguem, porque mais do que ninguem tem que estudar e que reflectir.

* * *

Com a paralização das frentes e o começo do que se tem chamado, bem imprópriamente aliás, a guerra das trincheiras (todas as guerras com efeito implicam o uso das trincheiras), o papel do official metralhadôr ficou sempre também importante. Mas a espontaneidade tem sido menos necessária, a reflexão e o exame minucioso têm tido todo o vagar para se exercerem.

E estamos entrados no periodo dos flanqueamentos eficazes, dos *blockaus* de fortaleza: o official metralhadôr, nos sectô-

res onde havia a idéa da defensiva, tornáva-se um meticuloso calculadôr de planos e de ângulos; viam-no inspecionar demoradamente o terreno à frente das trincheiras com o periscópio, que não o deixa nunca; verificar se algum ângulo morto minúsculo não se dissimuláva à rétaguarda da rama das beterrabas e se não se poderia bater melhor o terreno, collocando-se 25 metros à direita, ou 100 metros mais longe. Era também um grande «construtôr», que monopolizáva rails e travessas de caminhos de ferro, velhos barrotes, taipais de madeira ou ferro, grades, ferrágens de todos os géneros.

E, dêse o mês de dezembro de 1914, se era dotado de algum bom senso, tinha 1^m,50 de terra sôbre o tétô da sua casamata e não lhe podiam atirar de frente, das trincheiras inimigas, enquanto que os seus camaradas das companhias não se interessávam ainda pelo mistério do flanqueamento e do fogo de escarpa, assim como pela construção de abrigos blindados. O oficial metralhadôr tinha compreendido êste género de guerra mais rápidamente do que ninguém. E, como o viam melhor alojádo, mais abrigádo e menos molhádo do que os seus camaradas, acusávam-no sempre de emboscádo.

Emquanto assim o censurávam, o oficial metralhadôr interrogáva-se a si próprio, com uma certa inquietação do que lhe exigiriam quando se dêsse a ordem de atacar. Porque êle adivinháva bem que o metralhadôr «boche», seu vizinho da frente, estáva tão bem municiado e talvez melhor preparádo que êle para suportar um assalto. Havia visto a cada pequena ofensiva os nossos infantes abatidos, *rapados*, atirados por terra pelo fogo das metralhadoras inimigas, e afirmáva que não era possível com uma carga tomar uma frente guarnecida de metralhadôras intactas. É entre os oficiais metralhadôres, que se tem talvez encontrado, na segunda metade do inverno de 1914-1915, o maior número de adversários dêses ataques por secções, por pelotão, ou por companhia, que nos faziam perder de 25 a 150 homens a cada avanço. Os metralhadôres não atacávam, mas viam claramente o que se passáva sob os seus olhos. «Não se toma de assalto uma granada, uma rede de fio de ferro intacta, nem uma seteira de metralhadôra», tal era a máxima de um dêles nessa ocasião. E as lamentações, e as conversas de certos oficiais metralhadôres não fôram talvez estranhas à transformação dos ataques, que se afirmou

pela preparação da artilharia — colossal para a época — de 9 de maio de 1915, em Artois.

Então viu-se que o oficial metralhadôr marcháva como todo o mundo e não tendia a encrostar-se nos seus *blockaus*. Quando se lhe não exigia atacar com a primeira linha de assaltantes e de fazer correr os seus homens carregados com as suas peças e cunhetes de cartuchos, tão rapidamente como os porta-baionetas e os granadeiros, — seguia os seus camaradas com serena energia e instalava-se nas linhas conquistadas, logo que o terreno estava desembaraçado. Tornava-se mesmo o principal elemento de resistência aos contra-ataques; desde que se lhe dêsse tempo para se instalar e achar um bom campo de tiro, podia-se estar seguro que o inimigo não passaria. Nas nossas duas pequenas acções do princípio de junho (Hebutterne e Quennevieres), as nossas metralhadoras fizeram sofrer pesadas perdas aos alemães. Mas aí ainda, na escolha do instante para romper, na audácia com a qual estas metralhadôras se coleiam de mais ou menos perto às vagas de assalto, e sobretudo na escolha rápida das posições de tiro, que lugar deixado à iniciativa e ao bom senso táctico!

O estio de 1915 é chegado, e com êle o número das nossas metralhadôras começou rapidamente a aumentar. O oficial metralhadôr viu-se livre de um cuidado: as peças estavam em maior número sôbre a frente; prometiam-lhe outras rapidamente, se êle fizesse abater ou tomar as suas: — podia então ser mais audaz. E pôz-se a aplicar com uma fúria extrema o aforismo metralhadôr, que diz: «O rendimento é preferível a proteção».

Porque é preciso recordar, que no princípio da campanha, se nos faziam tão extraordinárias recomendações sôbre a importância das nossas peças e sôbre o seu salvamento a todo o preço, que alguns chefes das secções de metralhadôras chegaram a pensar das suas peças, o que por vezes se pensa, quando se trata de homens — que vale mais fazê-los recuar para os ter no dia seguinte, antes que deixá-los tomar pelo inimigo que os cêrca. Emquanto que em Verdun e nos combates actuais chegámos a dispôr de bastantes peças no campo de batalha e nos parques de artilharia, para não hesitar em as sacrificar, quando fôsse preciso.

A preocupação do metralhadôr, no é já salvar as suas pe-

ças, mas sustentar-se até à última. E, em seguida, fazer como a infantaria e lutar a tiros de espingarda ou com granadas.

*

* * *

Durante esta evolução, o oficial metralhadôr teve que dar provas de qualidades intelectuais manifestas e de uma coragem pouco comum.

Pelo que diz respeito á coragem, não há senão que tirar ao acaso dos textos de citações. São extremamente instrutivos, porque demonstram com precisão a diversidade do papel do oficial metralhadôr:

Jougla (Emile-François-Ferdinand), capitão do 74 de infantaria, comandante de uma companhia de metralhadôras. Tinha sabido fazer de uma companhia constituída de novo uma excelente unidade. A 3 de abril de 1916, a sua companhia, estando adjunta a um batalhão encarregado de um contra-ataque, tomou as melhores disposições para auxiliar os progressos do batalhão; e, pelo seu exemplo, soube inspirar confiança a todos, apesar do violento bombardeamento. Foi ferido no curso da acção.

Gerbaud (Charles-Raoul), tenente-metralhadôr do 150 regimento de infantaria: conduziu brilhantemente a sua secção de metralhadôras ao assalto de 6 de outubro de 1915, pôz-se em bateria em terreno descoberto e batido pelo fogo inimigo para apoiar o avanço do batalhão. Recebeu três feridas no decurso do combate. Já citado na ordem do regimento.

Patret (Maurice), alferes do 97 de infantaria: oficial de uma grande bravura, prodigalizou-se sem conta no seu sector de 16 a 22 de março de 1916. Durante um tiro extremamente violento de artilharia pesada, mostrou o maior desprezo pelo perigo para encorajar e manter os seus homens e para prejudicar o inimigo, não hesitando em sair da trincheira com uma metralhadôra.

Lamadon (Annet), alferes do 92 de infantaria: comandando uma secção de metralhadôras mantida em segunda linha e tendo

sabido que o oficial e os graduados duma secção empenhada no fogo, estavam fora do combate, solicitou ir tomar o comando. Caiu dirigindo o fogo.

Gay (Abel), tenente do 21 de infantaria: a 25 de setembro de 1915, diante de X. . . , tendo as suas metralhadôras fora do serviço, tomou o comando de uma fracção de infantaria e conseguiu repelir um contra-ataque inimigo. Foi morto a 4 do último, ao pôr êle mesmo em bateria a sua secção de metralhadôras na proximidade da trincheira inimiga.

De Rohan-Chabot (Jacques Fernand), tenente do 31 batalhão de caçadores a pé: oficial de uma grande bravura. Soube, pela calma da sua atitude e do seu sangue-frio, manter as suas quatro metralhadôras sob um fogo extremamente violento e fazer-lhes executar tiros tão precisos que ceifaram as vagas do assalto inimigo.

Mesté (Edmond), alferes do 151 de infantaria: durante os combates de 9 de abril de 1916, conduziu, sob um fogo violento de artilharia e de fusilaria, as suas secções de metralhadôras à primeira linha; pelo seu sangue-frio e pela sua enérgica atitude, impôs a todos a calma e restabeleceu a ordem duas vezes comprometida. Executou, em contacto com o inimigo, um reconhecimento de posições dos mais ousados, estabeleceu as suas peças e assegurou o serviço sem tomar nenhum repouso, ainda que violentamente projectado em terra e tornado quási completamente surdo por explosão de granada. Havia sido precedentemente ferido por um estilhaço de granada no braço e persistiu em conservar o comando apesar das suas feridas.

Panot (Lucien-Marie-Robert), alferes comandante do 1.º pelotão de metralhadôras do 16.º batalhão de caçadores a pé: oficial metralhadôr notável pela sua audácia e bravura. Sériamente ferido por uma bala na cabeça, no decurso do combate de 9 de abril de 1916, não deixou de continuar a exercer o comando de uma das suas secções até ao momento em que, tendo sido posto fora do combate todo o seu pessoal e as suas peças destruídas pelo tiro do inimigo, veio pôr-se à disposição do seu chefe do corpo para uma nova missão. Depois de pensado sumariamente, tomou o comando de um destacamento de grana-

deiros e foi morto à sua frente no curso do contra-ataque que executava.

Vê-se: os nossos oficiais de metralhadoras não cedem a ninguém em bravura. Permita-se-me depois disto submeter um aforismo ao nosso chefe do corpo. Este aforismo foi composto durante um jantar em que tomou parte um capitão recentemente promovido ao comando de uma companhia de metralhadoras de brigada, que nos parecia, em ditos de espírito, não ceder ao general Foch nem ao filósofo Ernesto Renan:

«Para ser do estado maior, dizíamos nós, é preciso ser elegante; para ser chefe de corpo, é preciso ser razoavel; mas para ser oficial metralhador, é preciso ser inteligente».

O oficial metralhador tem um papel extremamente importante para garantir a segurança dos seus camaradas e guardar o terreno. Não tem sempre ocasião de receber as ordens do seu comandante de batalhão ou do seu coronel; tem que marchar, decidir-se, prever; tem de ser perspicaz e forte de iniciativa. Dever-se-há então sempre escolher os oficiais mais inteligentes, aqueles que «pingent», a quem a intelligencia dá tudo — elegância, audacia, character, decisão pronta, sentimentos de honra e de dever.

Com homens como aqueles está-se confiado, sabe-se que não se desviarão para o lado, que avançarão, acharão a boa posição, se farão o menos possível «empalmar» pelo inimigo, que com o seu telemetro terão imediatamente estudado o pais, avaliado as distâncias, tirado os seus «croquis». E encontrar-se-hão, desde que seja possível, para ser esclarecido sobre a situação e o terreno.

Eis os oficiais metralhadores, que precisamos. «Oficial metralhador não é um gráu nem uma recompensa, dizia um deles, é uma função.» Nós temos já numerosos oficiais metralhadores correspondendo à sua importante missão; devemos ter um constante cuidado no renovamento desta «élite». Porque a guerra de movimento recommençará, e é então que se tornam necessárias a ousadia e a iniciativa.

Metralhadores

Em setembro de 1914, sobre o planalto ao norte de Vic-sur-Aisne, ao fim de uma batalha em que o nosso batalhão sofrera perdas sérias, o comandante do batalhão fez-me chamar e disse-me:

— Vou nomear-vos ajudante e confiar-vos a secção de metralhadoras.

— Mas, meu comandante, nunca na minha vida puz a mão numa metralhadora.

Que quereis? Eu não tenho absolutamente ninguém no batalhão que haja estudado a metralhadora. Escolho-vos porque sois capaz de a estudar e de satisfazer ao comando.

— Mas asseguro-vos...

Oh! meu amigo, basta de discursos! São onze horas da noute, batemo-nos todo o dia, devo dormir. Ide ter com o capitão C..., que foi professor na escola de tiro do campo de Ruchard; ele vos dará alguns esclarecimentos e ireis depois tomar o comando da vossa secção.

Dirigi-me cabisbaixo, para o capitão C... Assentado sob um abrigo de folhagens atravessado pela chuva, o capitão C... despejava uma lata de conserva com a ponta da navalha.

— Então, meu velho, parece que vais comandar as metralhadoras. Felicito-te: é o mais «chique» comandando no fogo.

— Sim, mas eu não conheço nada das vossas metralhadoras; eu sou um antigo estudante de medicina.

— Não te faças zangado: é simples. Enquanto se combate deixa os teus homens ocuparem-se das peças. Não penses senão em colher boas posições de tiro para derrubar «boches». Para o resto, lê o regulamento de combate. E agora, boa noute! tenho sono.

E' nestas condições, que no dia seguinte, 18 ou 19 de setembro de 1914, às seis horas da manhã, escolhi uma posição de combate para as minhas peças. E com um pouco de bom senso, eu me postei quase tão bem como se fosse um tecnico de longa data.

Durante as duas semanas que seguiram, tive que encontrar cavalos para substituir aqueles que os 105 me estriparam. Mas sobretudo tive que achar homens, porque nos faltavam metralhadores. E se se pode, em caso de necessidade, ser chefe de uma secção de metralhadoras sem conhecer a peça a fundo, não se pode absolutamente improvisar metralhadores.

Passei então ao longo do batalhão, durante as marchas, para descobrir homens que tivessem já servido com a Saint-Etienne. Pouco descobri. E era obrigado a recorrer aos alistados voluntários de 17 anos, a quem se ensinava o mecanismo da peça quando era possível.

Foi com este pessoal que tomamos parte na batalha de Roye.

Nos outros corpos havia metralhadores, mas já não havia peças para se lhes distribuir; e isto era mais grave.

Hoje temos metralhadores e estes metralhadores teem peças. Os erros, os esquecimentos teem sido reparados. E os alemães, nos seus assaltos repetidos contra as avançadas de Verdun, viram até onde pode ir a coragem dos nossos metralhadores.

O pessoal das nossas companhias de metralhadoras é um pessoal de «élite». Possui não sómente uma excelente educação tecnica, mas ainda o sentimento de esclarecer; utiliza à maravilha o terreno e a sua tenacidade é sem exemplo.

Antigamente, para fazer um metralhador, procuravam-se operarios das grandes fabricas, homens que possuíssem algumas noções práticas sôbre os engenhos mecânicos empregados pela industria. Hoje, esses operarios fabricam granadas e, para fazer um metralhador toma-se, não importa quem, o primeiro campónio que aparece. É o que prova a excelencia da raça, é que esse campónio em algumas semanas, torna-se tão bom como o velho soldado experimentado, que tem feito toda a campanha.

Não haverá nunca metralhadoras e metralhadores a mais.

No combate, as companhias de metralhadoras sofrem perdas quase iguais às dos infantes. Temos nas fileiras do exército francês o suficiente de homens para fornecer metralhadores a todos os exércitos aliados. Devemos empenhar-nos em continuar formando metralhadores. Não deve haver um só homem que tenha feito a campanha e passado pelo depósito, a quem se não deva ter ensinado o manejo da metralhadora e da espingarda-metralhadora. Sobretudo, todos os tenentes e os oficiais inferiores devem conhece-las.

Actualmente a metralhadora é a arma principal da infantaria na defensiva. Uma peça perde o seu pessoal, é preciso imediatamente substituí-lo: uma metralhadora não deve nunca ficar inutil.

A vista de uma metralhadora a seu lado, dá alegria à alma do infante. Ele sabe que enquanto a peça estiver ali, enquanto tenha munições e pessoal, o adversário terá 99 probabilidades sobre 100 contra si.

Devemos então, além das nossas companhias de metralhadoras affectas aos regimentos e às brigadas, possuir uma ou mais reservas gerais de metralhadoras. Com estas reservas, dotadas de uma grande mobilidade, no caso de ofensiva do inimigo, se conservarão todas as segundas linhas se estas segundas linhas estão inteligentemente concebidas. No combate ofensivo, na guerra de movimento, esta reserva geral poderá actuar por massas para sustentar os pontos importantes, as passagens, as posições conquistadas e incompletamente organizadas.

Em resumo — a multiplicação das metralhadoras, é uma das grandes lições desta guerra¹. Essa multiplicação é possível,

¹ De facto, grande tem sido o aumento de metralhadoras nos exércitos beligerantes. Os proprios alemães que as tinham já em grande quantidade, aumentaram-nas ainda, em vista do êxito obtido com o seu emprêgo, que os levou à seguinte distribuição: 3 companhias por cada regimento de infantaria a 8 metralhadoras cada uma; grupos de 2 ou 3 companhias, com 6 peças, à disposição do comando em chefe, além de 111 secções de 9 espingardas-metralhadoras cada uma. Era opinião geral, nessa ocasião, que na frente francesa, por exemplo, os alemães disposeram nas suas linhas de uma metralhadora de dez em dez ou de doze em doze metros de frente.

A própria Espanha, apesar de neutra, tratou de melhor dotar o seu exér-

em razão do valor, da qualidade superior dos nossos homens. E é indispensavel, porque não dispomos de reservas de homens comparaveis às dos Russos.

Trad. de M. A.

cito com essa arma. No seu novo programa de reorganização do exército as unidades de infantaria e cavalaria foram dotadas com um maior numero de metralhadoras. Cada batalhão de infantaria dos regimentos da Peninsula ficou com uma companhia de metralhadoras, a 2 secções, com 2 máquinas cada. Cada regimento de cavalaria foi aumentado com um esquadrão mixto, a 2 secções, sendo a 1.^a dotada com 3 metralhadoras e a 2.^a constituído por sapadores e explosivos. Esta dotação de metralhadoras é considerada provisória por ser julgada insufficiente.

M. A.
1919

em tanto de valor da qualidade superior dos nossos homens
é indispensável, porque não dispomos de reservas de ho-
mens comparáveis às dos Russos.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

A nova artilharia de acompanhamento (tanks). Como é de todos sabido, para poder acompanhar a infantaria em todo o terreno e mais ou menos ao abrigo dos estilhaços das granadas e dos projeteis da infantaria, têm sido empregados na actual guerra pelos beligerantes os *tanks* ou carros de assalto, armados de peças ou de metralhadoras.

Os alemães na sua ofensiva de 21 de março de 1918 empregaram um novo tipo de carro, aproximando-se do tipo francês, mas muito mais pesado, pois o seu peso é de 45 toneladas. A blindagem era constituída por chapas de aço de 3^{cm} de espessura, as da frente, de 1^{cm},6 as lateraes, e de 2^{cm}, as posteriores. O armamento era constituído por uma peça de 47 m/m, colocada na frente, 2 metralhadoras em cada lado, e outras duas metralhadoras à retaguarda. A guarnição era de 18 homens, indo o condutor alojado numa pequena torre, donde podia observar todo o terreno.

Um destes *tanks* foi capturado pelos aliados, e era denominado *Elfriede*, e tinha nas suas quatro faces a cruz de Malta, que é o característico do serviço aereo alemão (*Scientific American*).

— **A divisão alemã.** Nos últimos anos da guerra os alemães tinham remodelado a organização das suas divisões de infantaria de modo a aumentar o número destas unidades, permitindo um maior numero de combinações e tornando mais manejavel o seu emprego.

A divisão era constituída por 3 regimentos de infantaria, cada um a 3 batalhões. Cada batalhão tem 5 companhias, sendo uma de metralhadoras (4 secções de 3 máquinas), tipo pesado. O efectivo de cada companhia varia de 150 a 200 homens. A divisão tem, pois, 7 a 9.000 homens de infantaria, mais 3.000 de artilharia (2 regimentos), companhias de metralhadoras de reserva e companhias de morteiros de trincheira (lança-minas). O efectivo da divisão completa é de 10 a 12.000 combatentes. A redução no número de regimentos nas divisões permitiu aumentar o numero destas, assim como se constituíram os corpos de exercito com 3 ou 5 divisões, em vez de 2. Além das metralhadoras pesadas de regimento, ainda há em cada companhia de infantaria 16 metralhadoras ligeiras. Tal foi a importância dada a esta arma no combate.

Quando se organizaram os *batalhões de ataque*, as novas *Instruções táticas* fixaram-lhes o seguinte dispositivo:

3 companhias em 1.^a linha e uma em *reserva*, formando quatro ondas sucessivas de assalto.

A 1.^a onda era precedida por grupos de assalto (*stossgruppen*), constituídos por granadeiros e os serventes das metralhadoras ligeiras e espingardas automaticas. A 2.^a onda era formada por atiradores escolhidos. A 3.^a onda era na maior parte constituída por metralhadoras pesadas, lança-minas e lança-chamas, tendo em vista a destruição das metralhadoras inimigas. A 4.^a onda era quasi toda constituída por lança-minas.

(*Army and Navy Gazette*)

— *As perdas inflingidas pelos submarinos alemães aos navios mercantes de diversas nacionalidades.* Essas perdas elevam-se a 15.053.786 toneladas.

Só a marinha mercante britânica perdeu 9.031.628 toneladas; mas a compensar estas perdas, construiu a Grã-Bretanha 4.342.296 toneladas e capturou aos inimigos 716.520 toneladas. Desta forma o desfalque ficou reduzido a 3.972.812 toneladas.

Os navios mercantes construídos pelos outros países aliados são representados por 5.807.231 toneladas e os capturados elevam-se a 1.678.155 toneladas.

Temos assim: 10.149.527 toneladas construídas e 2.394.675 capturadas, o que, comparado com as 15.053.786 de toneladas perdidas, representa um desfalque de 2.509.584 toneladas nas marinhas mercantes.

Ora ao passo que diminuía a tonelagem, aumentavam as necessidades dos transportes pelas exigencias da guerra, e assim se explica a crise dos transportes.

(*Correspondência de España* — dezembro, 1918).

As perdas alemãs na actual guerra. Até novembro de 1918 essas perdas tinham atingido — 1.600.000 mortos; 203.000 desaparecidos; 618.000 prisioneiros e 4.000.000 de feridos (*Idem, idem*).

Argentina

Organização do exército. Pela nova organização o exército argentino é constituído por 5 divisões, formadas por 10 brigadas, cada uma com 2 regimentos de infantaria. Cada regimento tem 2 batalhões a 4 companhias e 1 secção de metralhadoras. No acto da mobilização é aumentado o numero de metralhadoras e um batalhão em cada regimento.

A *artelharia* é constituída: por 5 regimentos montados, cada um com 4 baterias de 4 peças; por 2 grupos de artelharia de montanha, a 2 baterias; por um regimento de obuzes com 3 baterias a 4 peças; e por um grupo de 2 baterias a cavalo.

A *engenharia* compreende: 5 batalhões de sapadores-mineiros, a 2 companhias (para desdobrar no acto da mobilização); 5 companhias de telegrafia por fios (T. P. F.); um batalhão de caminhos de ferro; 5 secções divisionárias de pontes; 5 secções do trem de equipagens; e unidades especiais de T. S. F.

A *cavalaria* compreende: 12 regimentos a 3 esquadrões, formando 6 brigadas, duas das quaes têm um esquadrão de metralhadoras; um regimento de gendarmes a 2 esquadrões e 2 esquadrões de metralhadoras.

Uma das brigadas de cavalaria é independente, à qual pertence o grupo de baterias a cavalo.

Ha ainda uma companhia do secretariado militar, uma companhia topografica e uma companhia disciplinar.

O orçamento do Ministério da Guerra para 1918 é de 29 milhões de escudos, excedendo o de 1917 em 400.000 escudos.

(*Estudios Militares*).

Espanha

Campanhas logísticas.—No ano findo foram realizadas nas diversas *regiões militares*, assim como nas Baleares e Canarias, diversos exercitos tacticos de quadros de grandes unidades. Na 1.^a região foi constituída uma divisão orgânica e uma divisão de cavalaria. Tiveram logar exercicios de quadros de divisão nas 2.^a, 3.^a, 5.^a, 6.^a, 7.^a e 8.^a regiões. Na 4.^a região teve logar um exercicio de quadros de divisão e de uma brigada de caçadores. Em cada divisão tomaram parte o respectivo general comandante, os generais das duas brigadas, os chefes de estado maior, os ajudantes e mais um capitão do corpo do estado maior.

De cada regimento de infantaria iam o coronel, os tenentes-coroneis comandantes de batalhão e os capitães-ajudantes. Dos regimentos de cavalaria iam os coroneis e os comandantes dos grupos de esquadrões. Dos regimentos de artilharia, os coroneis, os comandantes dos grupos de baterias, os capitães-ajudantes de regimento e os ajudantes dos grupos. Em cada divisão iam ainda 1 oficial superior de engenharia, 1 oficial superior da intendencia e outro do serviço de saude, acompanhados de um subalterno.

Na brigada de caçadores tomaram parte os quartéis generais, os coroneis comandantes das meias brigadas, os tenentes-coroneis comandantes dos batalhões, o comandante do grupo de baterias com os respectivos ajudantes, além de um oficial da intendencia, um capitão medico e um capitão de cavalaria.

Todos os generais levavam as escoltas regulamentares; e os officiais, as ordenanças montadas e os seus impedidos (querendo leva-los).

Cada divisão levava para a transmissão de ordens, 1 sargento ou cabo com 4 ciclistas; e, em cada brigada iam 2 ciclistas no Q. G.

As divisões levavam um carro de viveres e bagagens e a brigada de caçadores dispunha de 4 muares a dórso. Em cada divisão iam 3 ferradores e em cada brigada um.

—Para se poder representar as colunas, as frentes das unidades e a occupação das posições, iam um certo numero de officiais, de sargentos e soldados.

As viagens duravam 10 dias nas regiões do continente e 6 dias nas ilhas. Os capitães generais eram os directores dos exercicios.

Primeiramente teve logar um estudo preparatorio da mobilização das respectivas unidades em pessoal, animal e material.

Os *temas* para os exercicios foram formulados pelos respectivos capitães generais, compreendendo um periodo de marchas, bivaques, acantonamentos e desenvolvimento para o combate, estudando-se o abastecimento das tropas e a sua ligação com a base de operações.

Os temas depois de formulados eram enviados ao ministerio da guerra para a aprovação.

Terminados os exercicios, e no praso de 40 dias, os generais directores enviaram um Relatorio, contendo: "uma rápida descrição do terreno, as or-

dens dadas, as apreciações feitas, as informações acerca dos oficiais que tomaram parte, os gráficos das marchas, os esboços do terreno, vistas panorâmicas, ordens dadas pelas brigadas, e os relatórios dos chefes dos serviços administrativos e de saúde.

Todos os relatórios e trabalhos foram enviados ao estado maior central, onde deverão ser apreciadas as criticas feitas pelos generais directores e serão apreciados todos os trabalhos

(*Diario oficial*).

Reconhecimentos regionais tacticos e logisticos. — Em cada região territorial foi mandada organizar uma comissão permanente de reconhecimentos, que se tornam indispensaveis para todos os trabalhos de preparação para a guerra. Cada comissão é constituída, pelo menos, por um official superior e um capitão do corpo do estado maior.

Estes officiais são substituidos no fim de cada ano, para assim poder haver um grande número de officiais do estado maior com os conhecimentos e pratica destes serviços. Estes trabalhos são dirigidos pelos sub-chefes de estado maior, mas subordinados às "Instruções," formuladas pelos chefes de estado maior, depois de aprovadas pelo capitão-general.

Um certo número de praças da brigada topográfica do estado maior serão anualmente destinadas a cada uma das regiões para auxiliarem estes trabalhos. No orçamento do ministério da guerra é todos os anos inscrita uma verba de 20.000 pesetas para estes serviços.

(*El Ejercito Español*).

Academias militares. — Para o proximo ano lectivo deverão ser admitidos nas academias militares 510 alumnos, sendo destinados 300 à academia de infantaria, 125 à de artilharia, 40 à de engenharia, 25 à de cavalaria e 20 à de intendencia.

Dos alumnos saídos este ano da *escuela superior de guerra*, e que regressaram às suas armas, eram um major e 17 capitães de infantaria, um major e 2 capitães de engenharia, 5 capitães de artilharia, 2 capitães e 1 tenente de cavalaria.

Bases navais. — Como consequência da reorganização do exército de 29 de junho ultimo, foram criadas tres bases navais em Cadiz, Cartagena e Ferrol, constituindo tres circunscrições separadas para o comando, recrutamento e mobilização das tropas, tendo os seus comandantes a categoria de tenentes-generais.

— As bases navais, constituídas pelos arsenais, portos, canais, officinas, diques, parques, depósitos de munições e de material, hospitais, minas, torpedos, e em geral todos os elementos fixos ou moveis, continuam a reger-se pela lei das «organizações maritimas e armamentos navais».

As defensas terrestres das bases navais com todo o material terrestre, fixo ou movel, compreendendo as baterias de costa, os parques, quartéis, e forças terrestres ficam sob o comando de um general do exército. O capitão general da região apenas exerce a sua acção na parte que diz respeito ao comando, disciplina e ordem.



Os chefes de estado maior das bases navais são coroneis do corpo do estado maior e os sub-chefes são tenentes-coroneis.

—Os dois organismos, marítimo e terrestre, ficam dependendo directamente dos respectivos estados maiores Centrais, com inteira independencia entre si e na sua constituição interna.

A coordenação dos trabalhos destes dois organismos é feita pela „Junta de Defesa Nacional” por intermédio da sua „secção técnica”.

Estados Unidos

Perdas americanas na guerra.—Desde 26 de junho de 1917 até 30 de junho de 1918 o exército americano e a sua marinha perderam 10.383 homens sendo :

- 1.491 mortos em combate ;
- 479 mortos em consequência dos ferimentos ;
- 1.287 mortos por enfermidades ;
- 465 mortos por accidentes ;
- 385 desaparecidos ou prisioneiros ;
- 5.024 feridos em combate ;

—
Total do exército 9.131

A marinha teve :

- 14 officiaes mortos ;
- 393 marinheiros mortos ;
- 29 officiaes feridos ;
- 813 marinheiros feridos ;
- 1 official desaparecido ;
- 1 marinheiro desaparecido ;
- 1 marinheiro prisioneiro ;

—
Total da marinha 1.252

Companhias automovets.—Os americanos consideram como unidade orgânica automobilista a companhia, dispondo de todos os elementos em pessoal e material. Cada companhia tem 30 auto-camions de carga, 1 auto-cosinha, 1 auto-oficina para efectuar reparações, 1 auto de socorro com reserva de ferramentas e de combustivel.

Os autos por escalões de 10, separados os escalões por distancias grandes.

Ha ainda na companhia um auto para pessoal (officiaes e chefes de secção), e um certo numero de motociclistas para a exploração das estradas a seguir e para estabelecer ligações.

(*Memorial de Artilleria*).

Aviões de bombardeamento.—Os americanos construíram recentemente um aeroplano com 2 motores *Liberty*, desenvolvendo cada um 400 H. P.

É um tipo análogo ao aeroplano inglês *Handley-Page*, mas este tem 4 motores *Rolls-Royce*. No aeroplano americano *Langley* o desenvolvimento das azas é de 30 metros e a fusilagem é de 19 metros. A sua velocidade é de

160 quilómetros à hora. O seu peso com as bombas e 2 metralhadoras Browning é de 4 toneladas. Pode transportar comodamente 20 passageiros.

A alimentação do soldado inglês em campanha.— A ração de campanha do soldado inglês compreende: pão, carne (453 gramas), compota (3 onças), toucinho, mostarda, queijo (3 onças), rhum, chá e açúcar. Por semana eram enviados para França 2 milhões de libras (libra = 453 gramas) de compota de frutas, que são fornecidas pela Austrália, Nova Zelândia e Africa do Sul. A Inglaterra envia semanalmente 2 milhões de libras de queijo, que vem, em grande parte do Canadá e da Nova Zelândia; são também enviados por semana 1 milhão de libras de chá.

A carne é fornecida em conserva, ou congelada. A carne congelada vem da Argentina, da Austrália e da Nova Zelândia, consumindo-se por semana 30.000 toneladas pelas tropas inglesas e 25.000 pelas tropas aliadas. O emprego da carne congelada evita o emprego dos rebanhos de abastecimento, dos maadouros, de um grande pessoal e economiza muito material. Semanalmente eram recebidas em França 3,5 milhões de latas em carne de conserva.

DIVERSOS

A electricidade e os projecteis.—No poligono de Thoune, em França, tem sido feitas diversas experiencias, que demonstram a acção das correntes electricas de alta tensão sôbre os projecteis, cujas trajetorias são deslocadas de forma que as tropas de infantaria podem subtrair-se ao fogo da infantaria inimiga, quando este seja executado até uma distancia de 500m, e das granadas de artilharia até uma distancia de 1.500m.

A utilização pratica das correntes electricas torna-se difficil, pelo menos no estado actual; mas talvez successivos aperfeiçoamentos torne praticavel essa invenção.

O timpanófilo.—Com o fim de amortecer as fortes vibrações do ar produzidas pelos tiros das peças de artilharia de grosso calibre foi inventado um aparelho — chamado timpanófilo — e que consta de um tubo de cautchú, que se introduz no ouvido e se une a uma peça de aluminio, em cujo centro descansa uma lâmina de mica, separada do orificio da peça de aluminio por uma distancia de 0,mm02.

As fortes vibrações do ar fazem assentar a lâmina de mica sôbre o fundo da peça de aluminio, ficando desta forma obturado o orificio, e nestas condições o ruido não chega ao ouvido; mas quando os sons são fracos, a obturação do orificio não se produz e os sons são perceptíveis.

CRÓNICA MARÍTIMA

Portugal

Cruzador Almirante Reis.—Desde 21 de Fevereiro de 1915, que permanece no Tejo esta unidade das mais importantes, se não a mais importante da nossa cada vez mais pobre Marinha de Guerra.

Teve até 14 de Maio, desse ano, como comandante, pouco mais de um mez, salvo erro, o malogrado capitão de mar e guerra, Joaquim Antonio Nunes da Silva, que, com a tenacidade e perseverança, próprias do seu carácter, começou a dar um grande impulso, ao importante fabrico de que carecia um navio com 17 anos de idade e tendo sofrido uma incompleta reparação no aparelho motôr depois do seu encalhe em frente da Vila do Conde.

E foram incompletas essas reparações porque o navio teve de comboiar até Angola e Moçambique, o paquete inglês *Duham Castle*, e o português *Beira*, conduzindo respectivamente as expedições dos então tenentes-coroneis Massano de Amorim e Roçadas.

Foi com o tubular das caldeiras em pessimo estado, e com os chaminés sem condições de segurança, e com os encanamentos das caldeiras, máquinas, tubular dos condensadôres, tubo de aspiração da bomba de circulação destes, bastantes gastos com o uso e susceptíveis portanto de rebentarem, causando desastres irreparaveis, que o primeiro navio de guerra da nossa Marinha, foi afrontar os Mares do Cabo e do Canal de Moçambique, e esteve arriscado a empenhar combate com qualquer cruzador ou corsário alemães que a má fortuna lhe deparasse, visto ir a comboiar um navio beligerante carregado de tropas portuguesas, cuja guarda vinha confiada ao *Almirante Reis*.

Contudo, pela fortuna que sempre tem protegido os nossos marinheiros, o velho cruzador, cumpriu a sua missão, chegando a deitar 16 milhas para alcançar o cançado barco inglês que, algumas vezes, fazendo convergir nas máquinas motôras, todo o vapor das caldeiras, se afastava do comboio, para depois, esgotado o arranco, ficar pela pôpa fora.

Para o bom exito da ultima viagem do cruzador *Almirante Reis*, é de justiça dizer-se que muito contribuiu o pessoal da maquina, que não se poupou a esforços e fadigas de toda a espécie para remediar as freqüentes avarias que apareciam.

Não poudo o desditoso comandante Nunes da Silva, victima nessa desgraçada madrugada de 14 de maio, de alguma rara excepção daqueles a quem êle em vida foi tão dedicado, estando sempre pronto a tratar das pretensões e bem estar das praças sob as suas ordens, vêr o seu navio pronto outra vez a navegar, com aquele porte donairoso, e aquela elegancia de forma que caracterizavam o cruzador português.

Veio a guerra, e com ela a falta de material, tendo sido afundado o barco que conduzia o tubular novo das caldeiras; daí a demora no fábriço do cruzador.

Ultimamente, foram mandados activar os trabalhos, e é de esperar que

com o esforço e boa vontade da Direcção das Construções, tenhamos ainda a navegar por algum tempo e alguns anos armado, o velho barco que desde 1898 possuímos, graças à rasgada iniciativa do Conselheiro Jacinto Candido da Silva, que imensas dificuldades teve a vencer para dar um forte impulso à marinha de guerra como ela não tinha tido depois de Fontes e Mendes Leal, o ministro que, em um curto praso, fez construir no nosso arsenal quatro corvetas a vapor, a *Duque de Palmela*, *Duque de Terceira*, *Sa da Bandeira* e *Infante D. João*.

Na verdade, numa marinha de largos recursos, ou onde se podesse obter dinheiro para renovar, de tempos a tempos o material naval, estava indicada a venda de um navio de guerra com a provecta idade de 17 anos, onde os successivos fabricos são quasi tão dispendiosos como um navio novo; e haja em vista, a quantia por que já está o cruzador *Almirante Reis*. Entre nós, nas actuais circunstâncias, temos de nos contentar em concertar o que possuímos.

Temos de fazer como a Gran-Duqueza, no final da imortal opereta de Offenbach "Quand on n'a par ce que l'on aime, on aime ce que l'on a".

Uma circunstância sobreveio ainda que vem atrazar um pouco a conclusão do fabrico, pois foi ultimamente mandado passar a meio armamento, provavelmente para alojar o pessoal ultimamente regressado de Africa, visto a enorme falta do Quartel de Alcantara.

Concluindo, fazemos votos para que brevemente, o cruzador *Almirante Reis*, deixe de apresentar o aspecto com que actualmente o contemplamos, quasi agarrado à ponte do Arsenal, como um velho que precisa de ter perto algum esteio onde se encoste; e volte a ostentar no nosso formoso Tejo, o seu lindo casco, de elegantes formas, armado e engalanado, honrando a bandeira que representa, o simbolo da Nação que ainda hoje possui uma vasta extensão de costa no Continente e Colónias.

Perdas da marinha de guerra e mercante, durante a guerra. — Damos a seguir a lista das perdas sofridas pelas nossas marinhas de guerra e mercante, bastante consideraveis a desta ultima.

As da nossa marinha de guerra reduziu-se ao caça-minas *Augusto Castilho*, de que demos aqui uma sucinta noticia e a do caça-minas *Roberto Ivens*, que é opinião geral ter chocado com uma mina. Eis a lista:

Navios de guerra:

Os caça-minas *Augusto de Castilho*, (ex-Elite) afundado por meio de artilharia e bombas no dia 14 de outubro de 1918. Tonelagem bruta 518, tonelagem liquida 175; *Roberto Ivens*, (ex-Lordelo) afundado por uma mina no dia 26 de junho de 1917. Tonelagem bruta 281, liquida 107.

Navios mercantes:

Açor, palhabote, tonelagem bruta 182,82; *Açoriano*, lugre, 312,22; *Aida*, chalupa, 92,96; *Alice*, vapor, 49,90; *Ambaca*, idem, 2868,07; *Amfitrite*, lugre, 179,46; *Angola*, vapor, 4769,95; *A Portuguesa*, chalupa, 106,65; *Argo*, galera, 1664,66; *Atlantico*, lugre, 336,16; *Beira Alta*, chalupa, 101,02; *Berta*, iate, 107; *Brizela*, lugre, 329,94; *Cabo Verde*, vapor, 2220,27; *Casa Blanca*, iate, 31,23; *Carzeno*, vapor, 3009,07; *Cisne*, idem, 623,15; *Correio de Sines*, iate, 31,85; *Douro*, lugre, 248,08; *Electra*, palhabote, 134,71; *Emilia*,

barca, 1041,35; *Gaia*, lugre, 277,57; *Gamo*, idem, 315,09; *Germano*, vapor de pesca, 235,95; *Gomeseines da Graça & A*, iate, 32,56; *Gloria*, iate, 120,08; *Guadiana*, lugre, 325,66; *Henriques*, idem, 202,03; *Humberto*, idem, 273,84; *Lidia*, idem, 301,51; *Ligeiro*, rebocador, 25,26; *Ligeiro*, lugre, 281,47; *Lima*, palhabote, 107,95; *Lima*, escuna, 669,76; *Leonor*, vapor de pesca, 201,35; *Loanda*, iate, 141,22; *Maria Alice*, chalupa, 110,08; *Maria José*, palhabote, 159,56; *Minho*, lugre, 177,64; *Neptuno*, vapor, 178,30; *Norte*, vapor de pesca, 272,15; *Odemira*, iate, 32,56; *O Libertador*, vapor de pesca, 203,87; *Porto*, barca, 1128,26; *Primeira Flor de Abril*, caïque, 20,80; *Rio Ave*, iate, 161,97; *Rio Cavado*, lugre, 301,43; *Rio Mondego*, idem, 733,65; foi conduzido a um porto inglês com grossas avarias); *Restaurador*, caïque, 18,67; *Rita 2.º*, idem, 18,80; *Sado*, lugre, 196,21; *Santa Maria*, lugre-escuna, 204; *Santa Maria*, chalupa, 55,76; *Senhora da Conceição*, escuna, 206,44; *Senhora do Rosario*, caïque, 18; *Serra do Gerez*, vapor de pesca, 255,61; *Tejo*, lugre-patachó, 201; *Terra Nova*, lugre, 303,18; *Três Mães*, escuna com motor, 130,03; *Trombeta*, lugre, 235,30; *Valadares 2.º*, chalupa, 76,47; *Veloz*, iate, 139,48; *Venturoso*, lugre, 290,53; *Viajante*, barca, 377,28; *Vila Franca*, rebocador, 45,63; *Vouga*, iate, 96,32. Tonelagem total: 28:292,80.

Navios ex-alemães pertencentes ao governo português e fretados à Inglaterra:

Vapores: *Alemtejo*, tonelagem 4:312, encalhado em Marselha por explosão; *Aveiro*, 2:209, torpedeado; *Belem*, 1:925, encalhado; *Berlengas*, 3:548, torpedeado; *Caminha*, 2:763, idem; *Cascats*, 835, idem; *Cavado*, 943, abalroado; *Damão*, 5:668; *Diu*, 5:556, torpedeado; *Espinho*, 74, idem; *Horta*, 3:472, idem; *Ilha do Fogo*, 4:314, abalroado; *Leça*, 1:911, torpedeado; *Leixões*, 3:245, idem; *Madeira*, 4:792, idem; *Mira*, 1:663, abalroado; *Ponta Delgada*, 3:381, torpedeado; *Porto Santo*, 2:801, afundado; *Sagres*, 2:986, torpedeado; *S. Nicolau*, 2:669, idem; *Setubal*, 1:312, encalhado; *Tungue*, 8:921, torpedeado. Total em tonelagem, 69:076.

Navios ex-alemães explorados pelo governo português:

Vapores: *Barreiro*, 1:738 toneladas; *Boa Vista*, 3:666; *Brava*, 3:184; *Foz do Douro*, 1:677; *Ovar*, 1:650; *Trafaria*, 1:774, todos torpedeados.

De vela: *Graciosa*, 2:276 toneladas, torpedeado; *Santa Maria*, 2:262, explosão a bordo. Total geral da tonelagem, 87:673.

Canadá

Desenvolvimento da construção naval.—Numa comunicação de 7 de Setembro, feita pelo coronel Ballantyne, Ministro da Marinha Canadano, à colectividade *Sons of Empire*, em Montreal, diz precisar de uma forte e sã política naval para o Canadá. Espera que uma tal política seja brevemente iniciada e prevê que, num futuro próximo se formará uma frota Canadana fazendo parte da Armada Imperial, mas sob a fiscalização da Colónia, a não ser em tempo de guerra em que passaria a um simples comando unido.

Em um discurso pronunciado na Câmara dos Deputados do Canadá, fornece Sir Robert Baden, as seguintes importantes informações.

O Ministério Imperial de Munições tem contratados e em via de construção nos estaleiros Canadanos, 43 navios de aço com 211.300 toneladas e 46 de madeira com 128.400 toneladas, no valôr total de 64:500:000 dollars. São

12 os estaleiros empregados nestas construções, e tem uma produção, em conjunto, de 250.000 toneladas.

As carreiras que vão vagando pelo lançamento de navios ao mar, vão sendo logo ocupadas com as quilhas dos navios que se constroem por conta do governo Canadano. Até Dezembro de 1918 devem estar prontos a navegar e com comissão quatro navios com uma tonelagem global de 23.500, e 50 durante ano de 1919, sendo o crédito autorizado pelo governo em 1918 na importância de 25.000.000 de dollars.

É certo que as indústrias siderurgicas e metálicas da colónia, não produzem o suficiente para este acréscimo extraordinário de construção. Venceu o Governo a dificuldade, obtendo dos Estados Unidos, que lhe fossem fornecidas durante o ano de 1918, 80.000 toneladas de chapa de aço ao mesmo preço que os Estados Unidos as obteem dos seus próprios industriais.

Por outro lado, a expansão das minas do Canadá, torna possível já uma produção anual de chapas de aço, e aço em barras na quantidade de 150.000 toneladas, que com as importadas dos Estados Unidos, farão face a todas as necessidades da construção e contractos officiais e particulares aceitos pelos estaleiros.

França

Aparelhos para indicar a presença de submersiveis.— Tem conseguido a marinha francesa bastantes progressos nos meios de combater os submersiveis, sendo os métodos empregados muito semelhantes aos usados na marinha britânica. Alguns correspondentes ingleses visitaram um porto francês, onde lhes foram mostrados diversos aparelhos que o Almirantado francês adoptou para a luta com os submarinos; entre estes, avulta um que permite descobrir a presença de um submersível e, aproximadamente a direcção em que se desloca.

É sobre aparelhos análogos a este, que se tem dado maior e mais intensa instrução, embora, na caça aos submersiveis se tenha feito muito emprego de aeroplanos, aeronaves e balões rebocados. Há uma escola destinada a adestrar as praças a ouvir e vêr os submersiveis, tendo um dos correspondentes descrito como o ruído do hélice dos submersiveis afecta o delicado instrumento diferentemente, conforme diminui ou aumenta a distância, ou segundo o caminho relativo.

O aparelho está instalado numa cabine especial que comunica com a ponte de comando, por um porta-voz de aviso.

Em Portugal, consta-nos, se não estamos em erro, que, brevemente se vão realizar experiências com um aparelho destinado para o mesmo fim, inventado por um official maquinista português.

Inglaterra

Os navios hush-hush.— Afim de satisfazer às multiplas exigencias da guerra que findou, a Inglaterra viu-se na necessidade de construir novos tipos de navios, tais como, monitores com peças de grosso calibre e grande alcance para operarem contra as bases de submarinos alemães na Costa Belga, canhoneiras para o rio Emphrates e cruzadores de batalha de grandes dimensões e velocidades, e entre estes alguns excepcionalmente rápidos, desprovidos de protecção mas dotados de uma velocidade até agora nunca atingida em navios do seu deslocamento, quer de guerra, quer mercantes.

Esta ultima classe de navios foi popularmente chamada "*dos navios de silencio*" não tendo sido permitida durante a guerra a publicação de quaesquer fotografias, ou características destes barcos, e agora é que começam aparecer alguns dados sobre elles.

Durante a guerra foram completados cinco navios *hush-hush* tendo presidido à sua construção a idéa de dotar estes navios com tal grandeza e velocidade que os habilitasse a alcançar quaesquer navios fossem de que espécie fossem, mesmo os destroyers de 36 milhas, e afundal-os.

Nas suas proporções de comprimento, bôca e calado de água, eram praticamente destroyers de colossais dimensões, sendo a relação de comprimento para a bôca de 1 para 10 ou 1 para 11, e o seu calado muito menor de que o dum dreadnought ou cruzador de batalha.

Como nos destroyers, as suas linhas de água eram excessivamente finas, a sua prôa elevada, e de pequena altura, as obras mortas em todo o resto do navio.

São impulsionados por turbinas e, ainda que para o seu comprimento, o seu deslocamento seja muito menor do que o dum cruzador de batalha, a sua força em cavalos regula aproximadamente pela mesma, se não maior, arrancando-lhe e mantendo-lhe no mar uma velocidade de 40 milhas.

Uma prova de que elles podem sustentar esta velocidade é que, em seguida à entrada na guerra da Republica Norte Americana foi um destes navios o *Furious* escolhido para transportar à America, através do Atlantico, a Missão Inglesa de Sir Arthur Balfour e fez, segundo informações fidedignas, a travessia em três dias.

A bateria principal compõe-se apenas de duas peças de 38^{cm} montadas em torres, uma à vante e outra à ré.

A Inglaterra recebeu sempre a possibilidade de um raid pelos cruzadores de batalha alemães de 28 milhas de marcha, por uma noite escura, ou espesso nevoeiro, o que causaria sérios estragos aos navios aliados.

O cruzeiro do *Emden*, e outros navios extra-rápidos alemães, provou que era possivel mantel-os no mar alto, com o peor tempo, abastecendo-se elles próprios com carvão e mantimentos dos vasos capturados.

Se os alemães tivessem tido a iniciativa e a coragem de enviar de surpresa um daqueles cruzadores couraçados ou um grupo de *Scouts* de 30 milhas, teriam realmente causado sérias avarias nas esquadras aliadas, e seria muito difficil, perseguil-os e captural-os.

Os navios *hush-hush* com as suas enormes dimensões e qualidades nauticas, e extraordinaria velocidade, teriam sido sem duvida, os mais próprios para os encontrar e derrotar quando tentassem um raid, antes que se tivessem afastado muito do ponto de partida.

Dois destes barcos foram empregados como base de hidroplanos, de que poderiam levar em grande numero.

O *Scientific American*, de 21 de Dezembro ultimo donde extraímos esta noticia traz a fotografia de um dos navios da classe *hush-hush*, o *Furious*.

Tem de comprimento 256 metros.

São estes, os dados que possuímos das características desta nova classe de navios, esperando em breve informar os leitores da nossa *Revista*, de mais detalhes que, porventura pudermos colher.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Inglaterra

- 1 B. E. F. Times (The). *A Facsimile Reprint of the Trench Magazine*. Folio. H. Jenkins net 7/6
- 2 BARKER (E.). *Mothers and Sons in War Time, and other pieces*. Reprinted from the *Times*. New and enlarged edition. Cr. 8vo, pp. 120. A. L. Humphreys net 3/6
- 3 BARRIE (J. M.). *Echoes of the War*. 2nd edition. Cr. 8vo, pp. 668. Hodder & S. net 6/
- 4 BATEMAN (Charles T.). *U-Boat Devilry. Illustrating the Heroism and Endurance of Merchant Seamen*. Cr. 8vo, pp. 192. Hodder & S. net 3/6
- 5 BIRMINGHAM (G. A.). *A Padre in France*. Cr. 8vo, pp. 302. Modder & S. net 6/
- 6 BOWES (Joseph). *The Anzac War Trail*. Cr. 8vo, pp. 281. Oxford Press net 5/
- 7 DEPEW (Gunner). *By himself, Albert N. Depew*. 8vo, pp. 304. Cassell net 6/
- 8 DOYLE (Arthur Conan). *The British Campaign. In France and Flanders, 1914*. 8vo, pp. 359. Hodder & S. net 7/6
- 9 DURELL (Rev. J. C. V.). *Whizzbangs and Woodbines*. Tales of Work and Play on the Western Front. Cr. 8vo, pp. 197. Hodder & S. 3/6
- 10 ELIISON (Wallace). *Eseaped! Adventures in German Captivity*. Cr. 8vo, pp. 319. Wm. Blackwood net 6/
- 11 GALTREY (Capt. S.). *The Horse and the War*. Illustrated from Drawings by Capt. L. Edwards. With a Note by Field-Marshal Sir D. Haig. 8vo, pp. 131. «Country Life» net 6/
- 12 GILLAM (Major John). *Gallipoli Diary*. 8vo, pp. 328. G. Allen & U. net 12/6
- 13 G'YN (Elinor). *Destruction*. 18mo, pp. 30. Duckworth net 2/
- 14 HAIGH (Richard). *Life in a Tank*. Cr. 8vo, swd., pp. 183. Hodder & S. net 2/
- 15 HENDERSON (Rev. George). *The Experiences of a Hut Leader at the Front*. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 156. A. Gardner net 3/6
- 16 HEWETT (Stephen H.). *A Scholar's Letters from the Front*. With an Introduction by F. F. Urquhart. Cr. 8vo, pp. 132. Longmans net 5/
- 17 HODGSON (Edward S.) *Dictionnaire de termes d'Artillerie*, etc., en 3 langues. Tome 11. Français—Italien—Anglais. 18mo, pp. 115. Griffin net 5/
- 18 HOPWOOD (Captain Ronald A.). *The Secret of the Ships*. Cr. 8vo, pp. 64. J. Murray net 3/6
- 19 HOUSEHOLD (H. W.). *Fighting for Sea Power*. In the Days of Sail. 18mo, pp. 236. Macmillan 2/
- 20 KENSIT (J. A.). *Is Rome Behind the War?* Cr. 8vo, pp. 64. Protestant Truth Soc. 1/
- 21 LAWSON (Harry Sackville). *Letters of a Headmaster Soldier*. Cr. 8vo, pp. 143. Allenson net 2/
- 22 LAKE (Simon). *The Submarine in War and Peace*. Its Developments and its Possibilities. 8vo, pp. 314. Lippincott net 12/6

- 23 NEVINSON (Henry W.). *The Dardanelles Campaign*. 8vo, pp. 449. Nisbet net 18/
- 24 NOBLE (Edward) *The Naval Side*. 8vo, pp. 293. C. Palmer & H. net 7/6
- 25 O'GORMAN (John). *The Dough-Boys*. Cr. 8vo, pp. 328. H. Jenkins net 6/
- 26 *Over the German Lines and other Sketches illustrating the Life and Work Artillery Squadron of the R.A.F. in France*. By «Wings». With an Introduction by «Apteryx». Cr. 8vo, pp. 208. Hodder & S. net 6/
- 27 POTTER (E. C.). *Sea Silhouettes. The Merchantmen and the U Boats. With Foreword by Admiral Sir Robert Lowry*. 8vo, swd, pp. 56. Simkin net 1/
- 28 ROSS (Captain Robert B.). *The Fifty-First in France*. Illustrated by Jessie K. Ross. 8vo, pp. 313. Hodder & S. net 10/6
- 29 SPARROW (Geoffrey) and Ross (J. N. Macbean). *On Four Fronts with the Royal Naval Division*. 8vo, pp. 282. Hodder & S. net 12/
- 30 STREET (G. S.). *At Home in the War*. Cr. 8vo, pp. 135. Heinemann net 1/6
- 31 «Times» *Documentary History of the War* (The) Vol. VII. Naval. — Part 3. Roy. 8vo, pp. 316. Times net 15/
- 31 TIPIADY (Thomas). *The Soul of a Soldier*. Sketches of Life at the Front. Cr. 8vo, pp. 176. Methuen net 6/
- 33 WARMAN (W. H.). *The Soldier Colonist. A Plea for Group Organisation*. With 2 chapters by Collin Broks and an Introduction by the Earl of Selborne. Cr. 8vo, pp. 191. Chatto & W. net 5/
- 34 WESTERMAN (Percy F.). *A Lively Bit of the Front. A Tale of the New Zealand Rifles on the Western Front*. Illustrated by Wal Paget. Cr. 8vo, pp. 288. Blackie net 4/6
- 35 WESTON (Lt-Col C. H.). *Three Years with the New Zealanders*. Cr. 8vo, pp. 256. Skeffington net 6/9

II.—PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Boletim do Club Naval*, n.ºs 8 e 9 de agosto e setembro de 1918. Lista de navios — Relação de alguns navios da marinha de guerra portuguesa construídos ou que aparecem navegando de 1800 até ao presente. A catástrofe do hidroplano Tellier n.º 5. Necrologia
- 2 *Revista de Artilharia*, n.ºs 166 a 168 de abril a junho de 1918. Em memória do major de artilharia, Leopoldo Jorge da Silva. Notas que trouxemos de França. O tiro de artilharia contra alvos aéreos (conclusão). A defesa terrestre do Campo Entrincheirado de Lisboa. Variedades. Noticiário, Bibliografia

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 367 de setembro e outubro de 1918. Fundamentos del Director de torpedos de largo alcance (continuación). Progreso de ingeniería naval. El control de las flotas en combate. La organización industrial del país con relación a la defensa nacional. Valvulas termoelectrónicas. Personal de ingenieros de la marina inglesa. Preparación de la flota activa. La aviación en la guerra. Intercambios comerciales entre España y Chile. Reglamento para calificación de oficiales en la marina de Estados Unidos. Rasgos biográficos del teniente coronel D Santiago Charles. Buques de guerra construídos por los países beligerantes. Notas profesionales. Notas sobre la guerra. Crónica extranjera. Crónica nacional. Funerales.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 31 de dezembro de 1918. El arma portátil del jinete. El ataque moderno sobre una posición atrincheirada. El elemento de sorpresa en la guerra. Consideraciones generales sobre la aviación de guerra en 1918. Impresiones de una visita a los ejércitos británico y Francés que operan en territorio de Francia. La reina de las armas. Importancia de las plazas fuertes en la conducción de la guerra. Dirección del fuego de artillería de día y de noche, mediante señales mútuas entre las aeronaves y los observatorios de tierra. Las heridas de la guerra. Protección de los oídos contra los estampidos de los cañones. Decretos y resoluciones. Publicaciones recibidas. Bibliografía.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 5 de novembro de 1918. Un pequeño ensayo de general y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería (continuación). Apuntes históricos: 1916-1917. Flores del heroísmo. Revista extranjera. Revista de la prensa.
- 2 *La guerra y su preparación*, n.º 10 de outubro de 1918. Japón—Presupuestos de gastos militares para el ejercicio económico de 1918-19. Servicios sanitarios en Francia. Información gráfica de la guerra. Notas sobre caballería. Del reclutamiento e instrucción de la oficialidad de los nuevos ejércitos, en Inglaterra.
- 3 *Memorial de artillería*, n.º de novembro de 1918. El cañón de acompañamiento. El escalonamiento de convergencia en nuestras baterías ligeras de campaña. Un nuevo blanco para la artillería de campaña. Crónica. Comprobaciones modernas del plantillaje. La fotografía aérea. Una resolución analítica del problema de la trisección inversa. Bibliografía. Publicidad. Necrología. Etc.
- 4 *Memorial de caballería*, n.º 29 de novembro de 1918. Estudio comparativo de diversos sistemas de ascensos. De cría caballar y remonta—Yeguas nacionales. Los efectivos reducidos. El cuartel como factor educativo social (continuación). Estudio sobre el acuerdo de las ayudas entre sí y de éstas con los movimientos del caballo. Crónica de la guerra—Prefacio obligado. Rendición de Turquía. Operaciones en el teatro occidental. En el teatro italiano. Otras operaciones. Resumen de la situación. Revista de revistas. Nuestra Academia—Una solemnidad memorable. Noticias militares. Necrología. Deportes hipicos. Etc.
- 5 *Memorial de infantería*, n.º 83 de dezembro de 1918. Sobre instrucción de tiro (continuación). Cómo se combate en Marruecos. Escuelas opuestas—táctica general—francesa y alemana (conclusión). Impresiones de un curso de tiro en Valdemoro (con un croquis). Ametralladora reglamentaria Colt. El carro de asalto ó tanque (con tres figuras). Sobre enseñanza de la gimnasia (con 14 figuras). Fusil ametrallador y ametralladora americanos (con dos figuras). Las unidades de granaderos. Como asalta la infantería alemana. Procedimiento para que desaparezca el cansancio. Las ratas en las trincheras. La instrucción del oficial. La guerra europea (con un croquis y dos figuras). Noticias militares. Revista de revistas. Bibliografía.

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de novembro de 1918. Forza numerica degli ufficiali dell' Arma di cavalleria. Da un mese all'altro. Agli abbonati della Rivista. La cavalleria attraverso i secoli (fine). Pagine di guerra (continuazione). Il cavallo nella Bibbia e nell' Ilíade. Cronaca degli avvenimenti di guerra dall' agosto 1915 (continuazione). Libri—Riviste—Giornali. Necrologio. Parte ufficiale.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*, n.º 11 de noviembre de 1918. Note sur les frontières stratégiques de la Belgique. Les canons de très gros calibre. L'éducation militaire et le moral de nos soldats (suite). Chronique suisse. Chronique lusitannique. Chronique internationale. Bulletin bibliographique.

Salvador

- 1 *Boletín del Ministerio de guerra*, n.º 42 de junho de 1918. Instrucción —Iniciativa propia del subordinado— Importancia del Servicio Militar Obligatorio. Acuerdos del Ministerio de Guerra y Marina. Movimiento habido en el Ejército durante el mes de Junio. —Cambios de destinos—Altas—Bajas—Licencias. Bajas habidas en el Ejército durante el año de 1912.

Uruguay

- 1 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 173 de setembro de 1918. Los Felones. Memoria anual —Inventario— Balance general. Magnetismo del acero intermediario del buque (continuación). Ejercicio de tiro sobre el plano. Nuestro gran día patrio, más allá de los Andes. Discursos del coronel Robido, pronunciados el 25 y 26 de Agosto en nuestro Centro. Precedente jurídico relativo a arresto.
- 2 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 174 de outubro de 1918. El futuro del aeroplano. Guia militar. Apuntes sobre elementos del tiro —La deriva (continuación) Muerte del mayor César Valenzani. Conversando con el capitán. El nuevo oficial de infantería.

